

UNIVERSIDADE DA REGIÃO DE JOINVILLE – UNIVILLE
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PRPPG
MESTRADO EM PATRIMÔNIO CULTURAL E SOCIEDADE - MPC

**LITERATURA MNEMÔNICA: O EU MEMORÍSTICO DE BARTOLOMEU
CAMPOS DE QUEIRÓS E AS REMINISCÊNCIAS DO LEITOR**

SILVIO LEANDRO DA SILVA

Joinville

2013

SILVIO LEANDRO DA SILVA

**LITERATURA MNEMÔNICA: O EU MEMORÍSTICO DE BARTOLOMEU
CAMPOS DE QUEIRÓS E AS REMINISCÊNCIAS DO LEITOR**

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade da Universidade da Região de Joinville (Univille) como requisito para conferir grau de Mestre, sob a orientação da Professora Dra. Sueli de Souza Cagneti

Joinville

2013

Catálogo na publicação pela Biblioteca Universitária da Univille

S586l	<p>Silva, Silvio Leandro da Literatura mnemônica: o eu memorístico de Bartolomeu Campos de Queiros e as reminiscências do leitor / Silvio Leandro da Silva ; orientadora Dra. Sueli de Souza Cagneti – Joinville: UNIVILLE, 2013.</p> <p>117f. : il. ; 30 cm</p> <p>Dissertação (Mestrado Patrimônio Cultural e Sociedade – Universidade da Região de Joinville)</p> <p>1. Literatura - Autobiografia. 2. Leitores. 3. Memória. 4. Patrimônio cultural. 5. Bartolomeu Campos de Queirós. I. Sueli de Souza Cagneti. (orient.). II. Título.</p> <p>CDD 802</p>
-------	---

Termo de Aprovação

“Literatura mnemônica: o eu memorístico de Bartolomeu Campos de Queirós e as reminiscências do leitor”,

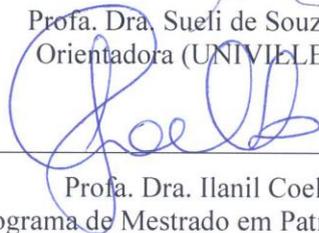
por

Silvio Leandro da Silva

Dissertação julgada para a obtenção do título de Mestre em Patrimônio Cultural e Sociedade, área de concentração Patrimônio Cultural, Identidade e Cidadania e aprovada em sua forma final pelo Programa de Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade.



Prof. Dra. Sueli de Souza Cagneti
Orientadora (UNIVILLE)



Prof. Dra. Ilanil Coelho
Coordenadora do Programa de Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade

Banca Examinadora:



Prof. Dra. Sueli de Souza Cagneti
Orientadora (UNIVILLE)



Prof. Dra. Regina Zilberman
(UFRGS)



Prof. Dra. Ilanil Coelho
(UNIVILLE)



Prof. Dra. Taiza Mara Rauen Moraes
(UNIVILLE)

Joinville, 06 de dezembro de 2013.

O grande patrimônio que temos é a memória. A memória guarda o que vivemos e o que sonhamos. E a literatura é esse espaço onde o que sonhamos encontra o diálogo. Com a literatura, esse mundo sonhado consegue falar. O texto literário é um texto que também dá voz ao leitor. A importância para mim da literatura é também acreditar que o cidadão possui a palavra. O texto literário dá a palavra ao leitor. O texto literário convida o leitor a se dizer diante dele. Isso é o que há de mais importante para mim na literatura.

Bartolomeu Campos de Queirós

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1. NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA: ENTROCAMENTO ENTRE MEMÓRIA E LITERATURA	15
1.1 A metamemória e sua concepção patrimonial.....	16
1.2 A rememoração como enredo literário.....	21
2. O LITERATO MNEMÔNICO: AS LEMBRANÇAS DE BARTOLOMEU CAMPOS DE QUEIRÓS	28
2.1 A concepção de memória segundo Bartolomeu Campos de Queirós	32
2.2 Bartolomeu: um autor de tantas outras histórias	34
3. A LINGUAGEM LITERÁRIA COMO RECURSO DE INFLUÊNCIAS IMAGÉTICAS.....	39
4. AS REMINISCÊNCIAS DO LEITOR COMO REPERTÓRIO IMAGÉTICO - impacto da leitura de obras autobiográficas sobre os leitores	44
4.1 O olho de vidro do meu avô	48
4.2 Antes do Depois	54
CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
REFERÊNCIAS	62
APÊNDICE	65
Modelo Questionário	66
ANEXO	67
Termo de Aprovação do Comitê de Ética	68
Lista do conjunto de obras de Bartolomeu Campos de Queirós	69
Questionários	70

RESUMO

Essa dissertação é o resultado da elaboração de um diálogo entre narrativas autobiográficas de Bartolomeu Campos de Queirós e a recepção por um grupo de senhoras pertencentes a uma associação na cidade de Barra Velha - SC. Através de uma amostragem cronológica estabeleceu-se um parâmetro conceitual de escrita memorialista e, partindo desse pressuposto alinhou-se teoria e prática. Para a coleta de dados referentes ao entendimento das senhoras após a leitura das obras *O olho de vidro do meu avô* (2004) e *Antes do depois* (2006), foram criadas fichas nas quais cada uma das voluntárias indicou cinco palavras e, ao lado de cada uma delas uma situação. A análise da linguagem utilizada pela literatura autobiográfica e, os seus desdobramentos sobre o leitor, é de experimentação intertextual, mobilizada por pensadores da Literatura, da Antropologia e da História. Os resultados corroboram as consonâncias existentes entre os discursos mnemônicos e a estética da recepção.

Palavras-chave: memória; patrimônio; literatura; autobiografia.

ABSTRACT

This paper is the result from the drawing up of a dialog between autobiographic narratives from Bartolomeu Campos de Queirós and the receptiveness of it by a group of ladies belonging to an association in Barra Velha city, SC. Through a chronologic sample it was possible to establish a conceptual parameter about memoirist writings and, starting from this premise, theory and practice were attached. In order to collect data concerning to the understanding the ladies had after reading the works *O olho de vidro do meu avô* (2004) e *Antes do depois* (2006), forms were created, so each one of the volunteers named five words and, beside them they named a situation. The analyses of the language used by the autobiographic literature and, its development on the reader has a intertextual trial, mobilized by thinkers of the Literature, Anthropology and History. The results corroborate the existing consonance between the mnemonic speeches and the aesthetics of reception.

Keywords: memory; heritage; literature; autobiography.

INTRODUÇÃO

Seria tão bom, como já foi,
 as comadres se visitarem nos domingos.
 Os compadres fiquem na sala, cordiosos,
 pitando e rapando a goela. Os meninos,
 farejando e mijando com os cachorros.
 Houve esta vida ou inventei?
 Eu gosto de metafísica, só pra depois
 pegar meu bastidor e bordar ponto de cruz,
 falar as falas certas: a de Lurdes casou,
 a das Dores se forma, a vaca fez, aconteceu,
 as santas missões vêm aí, vigiai e orai
 que a vida é breve.
 Agora que o destino do mundo pende de meu palpite,
 quero um casal de compadres, molécula de sanidade,
 pra eu sobreviver.

(PRADO, Adélia. *Clareira*. In: *Bagagem*. 31. ed. Rio de Janeiro: Record, 2011)

O poema de Adélia Prado foi selecionado por sintetizar um pouco daquilo que esta dissertação representa nos aspectos pessoal e acadêmico de minha vida. E isso porque nele a autora lança um olhar para o passado, através de seus anseios do agora.

Também tive uma estrutura histórica familiar em que as redes sociais estavam pautadas no compadrio. Tempos em que os vizinhos batizavam uns aos filhos dos outros e expandiam suas relações para além do muro de concreto. Via isso tudo da casa da minha avó materna, onde passava as férias escolares e dividia meu tempo entre sua companhia (e de uma tia solteira). Foi lá que passei a ouvir histórias que me fizeram perceber que os mais velhos tinham muito a dizer.

Minha infância foi permeada por movimentos lúdicos que me permitiam agir de forma criativa. As dramatizações nas festas de aniversário eram métodos para que eu e meu irmão mais velho expuséssemos nossa maneira de ver o mundo. Também o desenho foi uma constante nos meus afazeres – o mundo se coloria diante de meus olhos – e enchiam de esperança aqueles que apreciavam meus traços projetando neles um próspero futuro. Na adolescência, o tempo voava diante dos filmes que completavam meus finais de semana e das palavras que, através de obras literárias, eram convites ao mundo da fantasia. Dentre os títulos dos livros que marcaram minha passagem da infância para adolescência tenho afeto por *Um certo capitão Rodrigo* (Érico Veríssimo), *A metamorfose* (Franz Kafka) e algumas das obras de Nelson Rodrigues. O que me encantava (e ainda é uma constante) era a

simbiose alcançada pelos autores entre a ficção e o contexto. E, posteriormente, o que mais me encantou foi perceber que o contexto apresentado por Kafka (da transformação do personagem Gregor e sua situação diante da sociedade) não era apenas aquele proposto por sua narrativa, mas também o meu contexto anos depois. Com Nelson Rodrigues vivi o mesmo processo. Em Veríssimo admirei a saga dos personagens e a sua capacidade da criação que se desdobra em outros títulos.

Assim foram fundadas minhas afinidades, entre os momentos de percepção de mundo através das manifestações artísticas e os de sensibilidade com minha avó, minha tia e minha mãe. Ao materno vínculo posso dedicar à importância de ser uma mulher diferente – ainda que ela não se reconheça dessa forma – por ter me deixado livre em minhas escolhas.

A opção pela faculdade de História (um dos vários cursos da Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE) me possibilitou um entendimento sobre as sociedades e suas estruturas. Sou professor por carreira e, por acreditar na dimensão da profissão que escolhi, também sou pesquisador. O estudo sempre foi constante. Alguns anos mais tarde me dediquei à uma Especialização. Por minha admiração pelo mundo literário, escolhi um curso intitulado *Contação de histórias e Literatura* (promovido pela CELER Faculdade). A junção dessas duas vertentes – história e literatura – me direcionou para os estudos sobre a memória na literatura. Orientado pela professora doutora Sueli de Souza Cagneti as análises permearam os fatores que instigam a memória dos personagens em três autores infantojuvenis: Ana Maria Machado (*Bisa Bia, Bisa Bel*, 2000), Werner Zotz (*Apenas um curumim*, 2006) e Bartolomeu Campos de Queirós (*O olho de vidro do meu avô*, 2004).

Para acirrar os debates literários passei a participar do grupo de pesquisa Reinações do PROLIJ (Programa Institucional de Literatura Infantil Juvenil da UNIVILLE) ao qual também devo os créditos por muitos outros projetos realizados. Esse programa é composto por pesquisadores voluntários que, semanalmente, se reúnem para análise e discussão de títulos literários apresentados pela coordenadora, professora e votante da FNLIJ (Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil) Sueli de Souza Cagneti. O PROLIJ colabora para que a minha paixão pela literatura e a vontade de refletir sobre as questões humanas estejam acesas a cada encontro.

O contato com múltiplas linguagens literárias me instigou a continuar traçando diálogos histórico/literários e sua efetivação se deu ao entrar em contato com o conjunto da obra de Bartolomeu Campos de Queirós. Autor premiado nos âmbitos nacionais e internacionais, Bartolomeu Campos de Queirós (1944 - 2012) viveu boa parte de sua vida em Papagaio (MG), local no qual se inspirou para compor grande número de suas obras de natureza autobiográfica nas quais expõe suas experiências da infância e da adolescência. São essas particularidades que, somadas à linguagem de prosa-poética, revelam o caráter confessional ou memorialista em alguns dos seus sessenta títulos publicados.

Pensando numa abordagem da escrita memorialista como propagadora de discussões acerca da memória e dos sujeitos nela envolvidos propus a interagir novamente com o meio acadêmico. Conforme citado anteriormente a convivência com grupos provenientes de gerações anteriores fortaleceram as expectativas e o desejo do presente estudo. As conversas familiares, os almoços de resoluções de destinos e o aroma do café fresco passado nas tardes de meninice, sustentam os objetivos traçados no projeto apresentado ao mestrado em *Patrimônio Cultural e Sociedade* da Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE, intitulado *Literatura mnemônica: o eu memorístico de Bartolomeu Campos de Queirós e as reminiscências do leitor*. Nele, está traçado como objetivo geral um entendimento de como as lembranças do leitor são instigadas através da estrutura memorística / autobiográfica nas obras do autor e que reações de preservação estão presentes nesse movimento. Para objetivos específicos minha pretensão foi

- atentar para os elementos constitutivos do conjunto da obra de Bartolomeu Campos de Queirós enquanto relato autobiográfico;
- investigar o leitor enquanto elemento extensivo do fazer literário através da narrativa mnemônica e suas singularidades;
- distinguir, nas reações do leitor, movimentos de lembranças subjetivas e coletivas.
- interferir na valorização trazida pelos sujeitos da pesquisa acerca das suas reminiscências e na relação dessas com o coletivo.

Após estabelecer o recorte feito para essa análise, foi necessário pensar sobre o sujeito da pesquisa e, mais uma vez, a relação de identidade falou mais alto.

Por viver minha adolescência – assim como o presente momento – na cidade de Barra Velha (SC) e por possuir ligação muito forte com esse contexto, pensei numa pesquisa de mestrado que focasse a cidade e sua população. A grande questão diante disso tudo foi a escolha do grupo a ser selecionado para aplicação do projeto – que consiste na leitura de obras literárias e na coleta de pareceres sobre essas.

Após análise e sondagem de grupos relevantes para a cidade, cheguei às Senhoras Solidárias. As mulheres dessa associação se reúnem todas as segundas e quintas-feiras para elaboração de trabalhos manuais e programas de interação com a sociedade (entrega de cestas básicas, bingos beneficentes, baile da terceira idade, brechó, feijoada). Seus trabalhos são reconhecidos não só pela mídia local, mas por populares.

A pesquisa reflete sobre os meandros existentes entre autor, obra e receptor e, para possibilitar um suporte teórico referente a essa relação, foram buscados estudos sobre a *Estética da Recepção*. Os conceitos e explicações são emprestados de Hans Robert Jauss, Wolfgang Iser e dos estudos de Regina Zilberman.

Apesar da singularidade e características específicas das disciplinas de História e de Literatura, o diálogo, aqui realizado, foi influenciado por autores consagrados como Ítalo Calvino, Antônio Cândido, Walter Benjamin, Mikhail Bakhtin e Cristovão Tezza que, em seus ensaios perceberam essa possibilidade. Na História foram buscados estudos sobre memória, representações e discursos coletivos. As abordagens trazidas pela Literatura perpassam a busca pelas características estilísticas de gêneros narrativos e resultam na contribuição do pensamento voltado ao movimento percorrido entre autor – obra – leitor. Os parâmetros conceituais e legislativos referentes ao patrimônio, estudados nas disciplinas do curso de mestrado, contribuíram para o alinhamento das áreas envolvidas na pesquisa. Dentre as muitas abordagens realizadas, aqui estão selecionadas alguns argumentos referentes à memória e ao patrimônio. Para alinhavar os debates sobre as lembranças e suas representações aplico termos provindos de Joël Candau, Michel Pollak e Pierre Nora. As problemáticas levantadas com referência ao patrimônio são pautadas nas leituras de documentos sobre a salvaguarda e proteção dos bens imateriais.

A metodologia aplicada é de caráter qualitativo, uma vez que está baseada no sujeito, suas percepções sobre a produção literária e sua relação com a memória. Objetivando a coleta dos aspectos receptivos e daqueles que conduzem o leitor aos mecanismos das reminiscências, são utilizados questionários abertos. Dessa forma as práticas ou atividades de campo foram constituídas a cada encontro numa troca permanente entre o sujeito pesquisador e o sujeito pesquisado. Para este projeto foram escolhidas duas obras de Queirós, *O olho de vidro do meu avô* (2004) e *Antes do depois* (2006).

Com as pesquisas realizadas através do levantamento bibliográfico e a análise dos dados coletados em campo, resultaram os quatro capítulos que compõem o presente trabalho de dissertação: 1) *Narrativa autobiográfica: entroncamento entre memória e literatura*. Esse capítulo traz os conceitos e a ligação existente entre literatura de memória e patrimônio; 2) *O literato mnemônico: as lembranças de Bartolomeu Campos de Queirós* aponta os símbolos autobiográficos nas obras do autor; 3) *A linguagem literária como recurso de influências imagéticas* traz a ideia de que somos convidados pelo narrador a vivenciar um movimento de alteridade; 4) *As reminiscências do leitor como repertório imagético* demonstra a metodologia utilizada nos fazeres práticos da pesquisa, a análise dos resultados obtidos (dividida pelos títulos das obras) e a relação entre teoria e prática. Para a escrita dos três primeiros capítulos, optei pela terceira pessoa do singular, por ter consciência da minha condição de sujeito histórico, portanto, pertencente às análises psicológicas e sociais realizadas pelos teóricos escolhidos. E, para esta introdução, o quarto capítulo e as considerações finais, utilizo a primeira pessoa do singular, por ser o agente direto das práticas *in loco*.

Numa sociedade, pautada em tentativas impositivas de valores midiáticos castradores e na ciência como instituição messiânica, buscar uma compreensão do sujeito pelo viés da memória é pensar no entrelaçamento existente entre os discursos singulares e suas representações sociais. Por isso a relevância dos resultados aqui apresentados. Através deles pude perceber a intensidade existente entre o ato da leitura e os despertares mnemônicos. A linguagem literária, ainda que composta por fatores lúdicos ou inventivos possibilitou, nas voluntárias envolvidas na prática da pesquisa, desdobramentos pessoais que foram transpostos através de palavras e situações.

O processo, que viabilizou a busca pela efetivação dessa abordagem, foi gestado juntamente com a professora doutora Sueli de Souza Cagneti, orientadora/parceira de projetos anteriores e defensora de perspectivas poéticas acerca do sujeito de pesquisa. Mencioná-la como pilar da tarefa aqui proposta é indispensável, visto que as obras do autor sobre o qual realizamos as análises foram por ela apresentadas graciosamente.

Agradeço a todas as portas abertas para o andamento desse trabalho e também àquelas que foram fechadas, pois me possibilitaram perceber o vão existente nas janelas.

1. NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA: ENTRONCAMENTO ENTRE MEMÓRIA E LITERATURA

Estamos condenados à nossa experiência, que não se redime. Podemos no máximo evocá-la, mas todo desejo de reprodução, esse impulso infantil, estará condenado ao fracasso. A evocação tem de criar seu próprio sentido, que é um novo acontecimento – é o instante presente redivivo, um evento inédito que nasce sobre as ruínas do passado. Às vezes nos esquecemos desde dado simples: *o ato de escrever é um evento, não uma reprodução.* (TEZZA, 2012, p.40)

As lembranças são marcadas por simulacros. Essa percepção, daquilo que passou, é pautada na valorização do acontecimento vivenciado. A importância dada à experiência permite ao sujeito a possibilidade de, consciente ou inconscientemente, optar por edificações de signos que demarcam territórios seguros às suas lembranças ou, ainda, por guardá-las - num lugar para que não voltem à tona. Ao recordar (voluntariamente ou não), o indivíduo está submetido às imagens e percepções que acarretam uma série de informações sobre o seu passado.

São inúmeros os termos encontrados em nosso vocabulário numa tentativa de denominar o que é a memória: armazenamento, retenção, recordação, celebração, reminiscências. Estudos referentes aos processos mnemônicos têm sido realizados nos mais diversos segmentos e, os resultados, apontam para uma definição relacionada à faculdade de conservação de hábitos cotidianos e da edificação de instrumentos canalizadores da preservação de experiências vivenciadas por indivíduos ou grupos. Pensando nesse aspecto, as ciências sociais reforçam seus debates, ampliando suas possibilidades de abordagem. É sabido que esse tipo de ciência coloca os sujeitos num patamar diferenciado daquelas denominadas exatas, pois nela existem possibilidades de concepções flexíveis por tratar de análises focadas no comportamento e nas relações entre os indivíduos.

Nesse sentido, que estabelece relações entre a teoria e a prática, é importante pensar numa perspectiva que propõe um recorte entre aspectos referentes à memória como patrimônio, delimitando - como suporte de armazenamento de reminiscências - a literatura autobiográfica e a ideia de um leitor

participativo, portanto, coautor de suas próprias narrativas através do contato com esse estilo¹.

1.1 A metamemória e sua concepção patrimonial

Uma das grandes discussões realizadas no final do século XIX e durante o XX, nas questões referentes à história e sua escrita, permeava o campo das fontes e sua instrumentalização como recurso nos discursos teóricos. Proveniente de uma jornada pautada na relação com o Estado, dos registros dos grandes personagens e seus feitos, a História durante esse período passou por inúmeras críticas que resultaram no movimento denominado *Annales*. Através desse pensamento historiadores franceses buscaram reconquistar o espaço (acadêmico e teórico) que havia sido tomado pela ascensão de outras ciências sociais. A Sociologia foi a maior representante dessa nova safra que, ao se aliar com outras disciplinas, fortaleceu um discurso pautado na interdisciplinaridade. Num contexto de pensamentos imperialistas e de crise mundial (1929), o movimento ganhou força ao propor rever o posicionamento de seus envolvidos e abranger as possibilidades de pesquisas.

Dentre os grandes temas debatidos pelos historiadores dos *Annales* e pelas escolas teóricas que os sucederam, permeava o campo da relevância e do diálogo entre a materialidade e a imaterialidade. O debate estava pautado numa história contada através de documentos/monumentos *versus* coleta de experiências dos sujeitos através da oralidade e, na maioria dos casos, os resultados pendiam para o apego à materialidade. Por esse motivo, as instituições responsáveis pela proteção de bens culturais e seus decretos acostumaram-se a apreciar a história palpável, ou seja, aquela constituída de artefatos.

O legado, deixado por esses questionamentos, foi a estreita aproximação entre os diversos campos das ciências sociais com a intenção de possibilitar uma rede de complementaridade entre a história documentada (portanto metodicamente

¹ Esse fazer extensivo, possibilitado pela leitura literária e pelas representações por ela projetadas, é resultante do movimento de Hans Robert Jauss, Wolfgang Iser e Hans Ulrich Gumbrecht que, contrários à realidade das instituições acadêmicas de sua época, elaboraram a *Estética da Recepção*.

catalogada) e aquela trazida pelos indivíduos através de suas lembranças e representações.

No oriente a ideia da história como patrimônio sempre esteve relacionada aos saberes culturais. A relevância da matéria, ou seja, de objetos e edificações, está subordinada aos conhecimentos e técnicas (fazeres) que se apresentam por trás do produto final. Por isso cuidam dos anciãos e, dessa forma, fortalecem a preservação dos seus saberes. Já no mundo ocidental, foi a partir da década de 1970 que a ideia da salvaguarda de bens culturais com caráter imaterial passou a ser relacionada às questões do tombamento e da patrimonialização. No Brasil essa valorização pode ser percebida também na segunda metade do século XX e sua legitimação, realizada através do *Decreto 3.551* (agosto de 2000)².

Uma questão aqui nos é pertinente: como ficam as memórias e suas representações?

Seguindo o fluxo dos estudos sobre o intangível e de sua valorização como fonte fornecedora de atributos histórico/patrimoniais, surgiram pesquisas que calçaram os sujeitos dando-lhes voz e vez. O sociólogo francês Michael Pollak (1989), em suas análises sobre as relações do indivíduo e sua inserção em grupos sociais, denuncia os meandros existentes entre a história e seu *enquadramento*. Segundo o autor, a memória de grupo não é constituída por experiências que partam de seus membros, mas por uma representação de forças dominadoras, cabendo aos sujeitos uma condição de emudecimento, ou seja, de marginalização. Com uma rica pesquisa social, Pollak aplicou entrevistas orais como metodologia para colocar as memórias pessoais em perspectivas historiográficas. E as memórias, apesar de parecerem falar somente de experiências subjetivas, acrescentaram muito ao promoverem movimentos de alteridade entre os indivíduos.

²“O Instituto de registro, criado pelo Decreto 3.551/2000, não é um instrumento de tutela e acautelamento análogo ao tombamento, mas um recurso de reconhecimento e valorização do patrimônio imaterial, que pode também ser complementar a este. O registro corresponde à identificação e à produção de conhecimento sobre o bem cultural de natureza imaterial e equivale a documentar, pelos meios técnicos mais adequados, o passado e o presente dessas manifestações, em suas diferentes versões, tornando tais informações amplamente acessíveis ao público. [...] Como processos culturais dinâmicos, as referidas manifestações implicam uma concepção de preservação diversa daquela da prática ocidental, não podendo ser fundada em seus conceitos de permanência e autenticidade.” (SANT’ANNA, 2009, p.55)

Essa condição de vida, institucionalizada por valores e padrões, representa o grau de pertencimento de um indivíduo a um grupo. Portanto, ainda que o relato de experiências de vida dos sujeitos seja realizado em momentos diferentes ou num ordenamento novo por questões metodológicas de uma entrevista de pesquisa, ele possuirá em sua estrutura um *núcleo resistente*, um *fio condutor*. (op. cit., p.13). Ou seja, é através de repetições (normalmente percebidas nas histórias de festas, nascimentos, casamentos, batizados) que o indivíduo aciona recursos que comprovam sua condição social e de tempo, validando sua importância no núcleo do qual faz parte. A presença de rituais ou celebrações coletivas traz às histórias pessoais um caráter de universalização, pois o interlocutor não só as ouve, mas, de certa forma, compactua daquele relato. Assim como as instituições, também os sujeitos – em suas particularidades - realizam seus enquadramentos, caracterizados não só por suas vivências, mas pela multiplicidade de influências pelas quais são acometidos. Daí o fato de, na maioria das vezes, valorizar-se muito mais os acontecimentos ordinários da vida de um amigo ou vizinho do que os índices sobre o PIB apresentados pela mídia.

Sobre essas identidades, e suas representações, o antropólogo francês Joël Candau (2012) observa que é preciso cautela ao pensar a memória coletiva como uma possibilidade, pois apesar de se manifestar no plano discursivo, ela não existe na forma concreta.

Enfim, mesmo que exista em uma determinada sociedade um conjunto de lembranças compartilhadas pelos seus membros, as sequências individuais de evocação dessas lembranças serão possivelmente diferentes, levando em consideração as escolhas que cada cérebro pode fazer no grande número de combinações da totalidade de sequências. (CANDAU, op. cit., p.36)

Nas fendas das reminiscências estão impregnadas estruturas psicológicas e sociais que em muito podem contribuir com os estudos sobre passado e presente. Não dar relevância às falas, às compilações, aos simulacros ou às outras estruturas criadas pelos sujeitos como suporte de momentos a serem rememorados, seria negar a qualquer tipo de monumento a possibilidade de comunicação. Sem elas, a sistematização e catalogação de objetos selecionados para compor um acervo denominado histórico não fariam sentido.

Os métodos de pesquisa que utilizam a vertente qualitativa (ou do casamento desta com a quantitativa) em suas análises, também observam as realidades sociais como formas múltiplas e repletas de símbolos. Na contramão das abordagens positivistas/cartesianas, a pesquisa qualitativa explora as relações que permeiam os viveres e os saberes dos grupos, tendo como material de investigação a palavra e suas diferentes enunciações. As alocações proferidas por um interlocutor, ao mesmo tempo em que apresentam suas escolhas narrativas, contribuem para o compartilhamento de memórias, numa legitimação de experiências vivenciadas coletivamente.

A esse movimento, que aparentemente traduz uma estrutura social homogênea estabelecida de acordo com os desígnios dos sujeitos, Candau denomina *retóricas holistas* ou *metamemória*. Nessa perspectiva ele nega a existência de uma memória coletiva – no que diz respeito à capacidade humana de retenção de experiências - e aponta para uma interpretação que deva levar em conta a natureza e a maneira pela qual o grupo foi comunicado sobre suas possíveis representações. Tudo isso levado em conta pelo substantivo *retórica* e seu significado ligado à persuasão.

Entendo por 'retóricas holistas' o emprego de termos, expressões, figuras que visam designar conjuntos supostamente estáveis, duráveis e homogêneos, conjuntos que são conceituados como outra coisa que a simples soma das partes e tidos como agregadores de elementos, por natureza ou convenção, como isomorfos. (Op. cit., p.29)

Para os estudos sobre a escrita das memórias e seus desdobramentos uma ocorrência deve ficar muito clara: os relatos coletivos são movimentos de bricolagem que tem como pano de fundo uma produção intencional e coercitiva. Segundo o autor, a narrativa de grupo é *reducionista*, pois ela deixa na sombra aquilo que não é compartilhado (op. cit., p.34).

A atenção dada às lembranças como fontes de informações histórico/sociais só terá relevância, quando da leitura daquilo que ficou nas entrelinhas. São nas recordações subjetivas que moram os pequenos traços que revelarão o que o sujeito quis dizer, pois também ele, ao narrar-se, fez suas escolhas e omissões. No discurso teórico da Antropologia essa prática é denominada *metamemória*, ou seja, a consciência de uma faculdade da memória e suas formas alegóricas de representação (simulacros).

Ao (re)organizar experiências, são realizados recortes e, essas reminiscências, ganham vida ou são fortalecidas. Joga-se fora aquilo que faz mal, protegendo-se numa segura gaveta aquilo que há de mais delicado e expõem-se sucessos sobre estantes ou paredes. As conversas tidas entre quem divide afazeres cotidianos são diferentes de conversas acontecidas entre parentes distantes. E, na possibilidade de receber um membro de desse último grupo em casa, a tendência é de arrumá-la, promovendo ao olhar do outro uma realidade construída. São em escolhas como essas que cada um redireciona seu olhar para si mesmo.

A sequência de atitudes trazidas no parágrafo acima possibilita o entendimento a respeito das representações coletivas e das lembranças. Embora um grande número de pessoas se identifique com as ações descritas – de reencontrar alguém e tratá-lo com formalidade ou, ainda, ajeitar a casa na perspectiva de uma visita – cada leitor trará suas referências de parente distante, de casa, de arrumação. São essas possibilidades que importam nos estudos mnemônicos. Não existem métodos para se alcançar a totalidade daquilo que está sendo instigado pelas lembranças do indivíduo, mas possibilidades de reconstituição do contexto em que ele está inscrito. Em outras culturas, por exemplo, arrumar a casa para o recebimento de visitas pode ser motivo de estranhamento.

A memória enquanto patrimônio a ser valorizado não está imune ao esquecimento e nem garante a compilação de verdades absolutas sobre o passado ou presente. As reminiscências dos indivíduos são dicotômicas, pois trazem resultados obtidos por sua introdução na sociedade e, ao mesmo tempo, guardam concepções particulares que não são reveladas por medo, esquecimento ou pelo simples fato de ser um patrimônio intangível³.

³ “A imaterialidade é relativa e, nesse sentido talvez a expressão ‘patrimônio intangível’ seja mais apropriada, pois remete ao transitório, fugaz, que não se materializa em produtos duráveis.” (FONSECA, 2009, p.66).

1.2 A rememoração como enredo literário

O reconhecimento do indivíduo enquanto sujeito histórico está associado à ampliação de instituições criadas para preservar e armazenar suas experiências. Os lugares da memória ampliaram suas possibilidades e criaram na sociedade pós-moderna conflitos de interesses contraditórios, pois ao mesmo tempo em que vivemos o efêmero, construímos espaços que objetivam resguardar o passado. Na ânsia de salvaguardar reminiscências, dispomos de inúmeros recursos: museus, documentários, espaços nas redes sociais, discos virtuais, registros escritos. Exploram-se tecnologias e mantêm-se antigas formas de documentação na possibilidade de perpetuar o ser humano que, indefinidamente, luta contra sua condição de finitude.

No campo literário, são inúmeras as técnicas e estilos buscados pelos autores na incumbência de abordar questões relacionadas à memória. A literatura de memória, apesar de – até o momento - não constituir um gênero enquanto nomenclatura, ocupa grande parte das prateleiras de livrarias e bibliotecas. Dar voz às personagens que olham para um passado e, através dele, contemplam o tempo atual de sua escrita, requer sensibilidade e despojamento. O narrador/memorialista, ao apresentar esteticamente sua escrita, não só convida o leitor a compactuar com suas constatações, como também de um movimento próximo à confissão. A ideia de uma escrita confessional é dedicada ao religioso Santo Agostinho que, em sua obra *Confissões*, destina uma parte à exposição de seu pensamento sobre a memória. Consciente do peso confessional, o autor revela suas vivências não só a Deus, mas àqueles que, assim como ele, acreditam nas providências divinas.

O fruto das minhas *Confissões* é **ver não o que fui mas o que sou**. Confesso-Vos isto, com íntima exultação e temor, com secreta tristeza e esperança, não só diante de Vós mas também diante de todos os que crêem em Vós; dos que participam da mesma alegria e, como eu, estão sujeitos à morte; dos que são meus concidadãos e peregrinam neste mundo; e enfim, diante dos que me precedem, me seguem ou me acompanham no caminho da vida. (AGOSTINHO, 1980, p. 221, grifo meu)

O resultado de uma produção literária devidamente inscrita numa instituição que assegure sua originalidade – portanto protegida por direitos autorais – é sua catalogação documental. A obra literária passa a ser assistida pelos meios técnicos

de salvaguarda. Ali não estão salvos apenas folhas impressas, mas um fazer literário (escrita e diagramação) próprio de uma sociedade e condizente ao seu tempo. As prateleiras configuram *status* à confissão do narrador que foi elevada à condição de acervo.

É importante ressaltar que não está se negando que toda obra literária tenha seu percentual de reminiscência. Seria impossível omitir essa condição, uma vez que o autor desloca para as personagens suas indignações, suas concepções, seus desejos. A literatura de memória é aquela que instiga tempos idos através de olhares provenientes do presente. Há que se ter um pé cá e outro lá; um movimento que faz uma leitura do passado e retorna à atualidade. A rememoração é a faculdade que necessita do distanciamento.

Dentre os procedimentos mais utilizados na construção de narrativas de cunho memorialista, destacam-se a biografia e a autobiografia. A diferença entre os dois modelos está relacionada à autoria, ou seja, enquanto a primeira versão é caracterizada pelo registro de alguém sobre a trajetória de outrem, na segunda há um autor que narra a si mesmo. A biografia apresenta um aspecto mais jornalístico/documental, e a autobiografia desencadeia momentos lúdicos somando-os às percepções de uma realidade. A matéria-prima da autobiografia são as experiências, as concepções de mundo e as perspectivas e sonhos para o futuro.

A autobiografia é uma re(a)apresentação de acontecimentos baseada na memória, no próprio ato de recordar que adquire forma e sentido por meio da escrita, ocorre uma aproximação entre o vivido (o passado) e o ato de escrevê-lo (o presente). (AMORIM, 2010, p.66)

Ao narrar sua trajetória, ainda que o sujeito procure se isentar dos compromissos sociais que são normativos à sua persona, ele optará por uma postura concebida para o convencimento de suas qualidades individuais.

O histórico da autobiografia na literatura ocidental como narrativa unificadora dos discursos ficcionais – romanescos – mnemônicos, nos remete aos escritos de Jean-Jacques Rousseau. Embora possua o mesmo título da obra de Santo Agostinho, as Confissões de Rousseau não se apropriam do caráter religioso. Ao contrário, mantêm suas críticas às convenções sociais. Sua narrativa propõe um discurso filosófico-crítico, porém, pautado na primeira pessoa e com relatos verídicos, ou seja, a identidade do autor-narrador é exposta numa composição entre

autobiografia e ficção. Daí a grande contribuição do pensador que, no século XVIII, deixou como registro a possibilidade de escritas autobiográficas românticas.

O entendimento sobre a escrita autobiográfica não deve ser limitada à ideia da revelação pessoal do narrador escrita na primeira pessoa, pois ela pode ser apresentada de outras maneiras. Nesse caso estará caracterizando uma literatura de memória, pois não está condicionada – necessariamente – na exposição do autor-narrador. Em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, na década de 1880, o brasileiro Machado de Assis deu vida a um personagem que nos direciona numa viagem autobiográfica ao seu passado. Ele é confessional, memorialista, ficcional. A frase que abre a obra caracteriza o enredo: *Algum tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim, isto é, se poria em primeiro lugar o meu nascimento ou a minha morte.* (ASSIS, 2010, p.21)

Para um entendimento sobre os caminhos percorridos pela literatura brasileira e sua chegada às escritas das lembranças, o ensaísta e crítico literário Antônio Candido (2006) analisa as obras de dois autores mineiros: *Cláudio Manuel da Costa* (século XVIII) e *Francisco de Paula Ferreira de Resende* (século XIX). Os escritos ganham importância por seu conteúdo ter sido escrito na primeira pessoa e por retratarem costumes e pensamentos de suas épocas. Segundo Candido, essas leituras abriram caminhos para que, no século XX, a autobiografia se constituísse como linguagem literária. No fluxo da narrativa mnemônica nascida em Minas Gerais, os representantes do estilo no período modernista são Carlos Drummond de Andrade, Murilo Mendes e Pedro Nava, numa linguagem que transita entre a prosa e a poesia, eles se destacam por apresentarem autobiografias que universalizam ao provocar no leitor movimentos de alteridade.

A matéria-prima desses autores são as experiências, as concepções de mundo, as perspectivas e as projeções para o futuro. E, num movimento dialogal entre o vivido e o imaginado, a linguagem cria um elo de cumplicidade entre o leitor e os atos narrados através de um processo de *generalidade*⁴. Ao narrador autobiográfico cabe o desafio não só de estabelecer parâmetros conceituais sobre o

⁴ O termo utilizado é entendido como fornecedor de dados que possibilitam identificações do leitor com a obra, pois tratam de aspectos cotidiano/sociais. (Ver CANDIDO, op. cit., p.75)

meio no qual está posto, mas de dar voz a outros sujeitos que, assim como ele, estão envolvidos nessa relação.

A generalidade compõe enredos sustentados sobre pilares comuns a um determinado grupo ou sociedade. Ela agrega, em seu discurso, palavras e situações que aproximam os sujeitos de determinados acontecimentos, seja por sua participação direta ou simplesmente pelo conhecimento da existência de tais episódios. Portanto, estamos partindo do pressuposto de que, assim como na elaboração de uma história ficcional, o enredo baseado na vida real também é estruturado pelas escolhas e intencionalidades de seu narrador.

Na contemporaneidade as memórias têm sido declaradas em múltiplas formas e para um extenso público. Da poesia à literatura infantil temos exemplos de autores que, com qualidade, se apropriam de suas capacidades de coesão para dar voz a seus próprios personagens.

No seio dessa produção, Monteiro Lobato - considerado o pai da literatura infantil no Brasil – em *Memórias de Emília* brinca com a questão da autobiografia ao colocar a sua famosa boneca de pano e o intelectual sabugo de milho Visconde diante da compilação de lembranças. Emília seria a voz da consciência de Lobato⁵. Esse fator contribui com para o entendimento dos questionamentos levantados durante a obra e o contexto no qual ela foi produzida.

A boneca, assim como Brás Cubas na narrativa de suas experiências, tem dúvidas sobre o início de suas reminiscências.

_ É que o começo é difícil, Visconde. Há tantos caminhos que não sei qual escolher. Posso começar de mil modos. Sua ideia qual é?
 _ Minha ideia – disse o Visconde – é que comece como quase todos os livros de memórias começam – contando quem está escrevendo, quando nasceu, em que cidade etc. [...]
 _ Ótimo! – exclamou Emília. _ Serve. Escreva: Nasci no ano de... (três estrelinhas), na cidade de... (três estrelinhas), filha de gente desarranjada...
 _ Por que tanta estrelinha? Será que quer ocultar sua idade?
 _ Não. Isso é apenas para atrapalhar os futuros historiadores, gente muito mexeriqueira. Continue escrevendo: Eu nasci numa saia velha da tia Nastácia. E nasci vazia. Só depois de nascida é que ela me encheu de pétalas numa cheirosa flor cor de ouro que dá nos campos e serve para estufar travesseiros. (LOBATO, 1994, p. 10)

⁵ Segundo CAGNETI (2009, p.32) a boneca Emília é a *porta-voz* de Lobato. “Emília é dona de seu nariz e de sua língua. Por isso tem uma história própria. Podendo brigar por ela! Como seu criador gostaria de ver cada brasileiro: lutando por sua história, por sua língua, seu país, sua gente, suas crenças.”

Ao citar os historiadores Monteiro Lobato, ironicamente, denuncia a preocupação das ciências sociais que, mais tarde, perceberam o sujeito como um dos alicerces da história. E aqui um acontecimento é muito importante, pois o próprio escritor passa a contar suas experiências, ou seja, cada indivíduo tem uma narrativa a ser exposta.

No gênero da poesia autobiográfica, o inventivo e premiado poeta Manoel de Barros se destaca pela criação de uma linguagem própria definida por ele mesmo como o *idioleto manoelês arcaico* (BARROS, 1996, p.43). Para estabelecer um parâmetro de sua escrita, foi escolhido o poema que segue.

Prefiro as linhas tortas, como Deus. Em menino eu sonhava de ter uma perna mais curta (Só pra poder andar torto). Eu via o velho farmacêutico de tarde, a subir a ladeira do beco, torto e deserto... toc ploc toc ploc. Ele era um destaque.

Se eu tivesse uma perna mais curta, todo mundo haveria de olhar para mim: lá vai o menino torto subindo a ladeira do beco toc ploc toc ploc.

Eu seria um destaque. A própria sagração do Eu.

(BARROS, 1996, p.39)

Há, no exemplo acima, além da narração na primeira pessoa (*“Em menino eu sonhava...”*), outras duas características que, conforme Antônio Candido (2006) define a literatura autobiográfica: o lugar-comum (*“Prefiro as linhas tortas, como Deus.”* – que lembra o ditado popular “Deus escreve certo por linhas tortas”) e a generalidade (o *farmacêutico* é um sujeito social). Esses dois preceitos *lugar-comum* e *generalidade* são definidos, respectivamente, por utilizar-se da “frase feita, o dito exemplar, a citação implícita [...], não como referência, nem em destaque; mas como se tivessem nascido do movimento normal da sua escrita.” (p.80) e recursos que exprimem a vida institucional “nascimento, festa, casamento, morte” (p.75).

Ainda no campo da poesia, é necessário citarmos aqui, a forte presença da poetisa mineira Adélia Prado que, em sua primeira obra *Bagagem*, publicada em 1976, compilou um interessante arsenal autobiográfico. São passagens da infância, da adolescência e de outros tantos momentos que, vistos através dos seus quarenta anos de vida, nos dizem muito. Ao relatar casos familiares, da igreja, de cores ou de amores, a autora consegue estabelecer um vínculo com o leitor que se identifica com suas cotidianas questões.

Relações familiares são expostas também pelo catarinense Cristovão Tezza⁶ em seu romance *O filho eterno* (Record, 2007). Apesar da omissão de seu nome no tratamento ao personagem central da obra, são vários os indícios de que se trata de uma experiência pessoal, uma vez que ele, Tezza, é pai de um menino que nasceu com Síndrome de Down.

Propositalmente, ficaram para o fim dessa breve cronologia da literatura de reminiscências as obras de Bartolomeu Campos de Queirós, pois o estudo realizado durante todo o transcorrer dessa pesquisa tem como base seus escritos. O premiado autor tem sua carreira literária reconhecida pela prosa poética com a qual relata suas experiências de vida. Com uma extensa produção voltada ao público infantil e juvenil, Bartolomeu não se importa em dividir com o leitor suas angústias e constatações. Em algumas de suas obras, a repetição dos personagens comprova a existência real desses seres: o avô, os familiares, os políticos da região, o padre e até mesmo o galo Jeremias (entre tantos outros). Sua narrativa, ao mesmo tempo em que delimita o enredo às suas experiências, traz traços cotidianos que transportam o leitor para aquela dimensão.

Meu avô não deixou herança a não ser sua história. Sobraram os ternos de linho engomados no guarda-roupa, a mala com as pílulas, a cadeira de balanço embalando todo o silêncio do mundo. Mas para mim, depois de passar de mão em mão, restou seu olho de vidro, agora sobre minha mesa, dormindo num pires. (QUEIRÓS, 2004, p.46)

A escolha do autor é pelas lembranças da infância compartilhada com o avô num mundo que o tragava em questionamentos. E essas memórias atravessam diretamente inúmeras de suas obras como *Por parte de pai* (Ed. RHJ, 1995), *Ler, escrever e fazer conta de cabeça* (Ed. Global, 2004), *O olho de vidro do meu avô* (Ed. Moderna, 2004), *Antes do depois* (Ed. Manati, 2006) e *Vermelho amargo* (Ed. Cosac Naify, 2011).

Havendo uma criteriosa seleção daquilo que seria contado e de que forma o seria, as narrativas dos autores citados são resultantes de composições estilísticas e

⁶ Lançado em países como França, Itália, Portugal, Holanda, Espanha, Austrália e Nova Zelândia, o romance *O filho eterno* foi contemplado com premiações nacionais e internacionais dentre as quais destacam-se: APCA – Associação Paulista dos Críticos de Arte (2007); Jabuti (2008); Bravo! (2008); São Paulo de Literatura (2008); Zaffari & Bourbon - Jornada Literária de Passo Fundo (2009); Charles Brisset- Associação Francesa de Psiquiatria (2010).

estéticas. A narrativa mnemônica é articulada entre o sim e o não. Por fatos que devem ser lembrados e por outros que são omitidos. *Todo escritor, a todo instante, se vê às voltas com amontoados de palavras que parecem se descolar, aqui e ali, de suas referências, como animais indóceis, e é preciso domesticá-las* (TEZZA, 2012, p.104).

Não há imparcialidade nas palavras que conduzem uma história autobiográfica. Considerando os artifícios incorporados por esses narradores e, sendo eles sujeitos de seu tempo, a literatura representa um dos *lugares da memória*⁷. O fazer literário, como forma de armazenamento de realidades datadas e de discursos construídos, possibilita dimensionar o *status* das narrativas que, através desse viés, dá voz não só ao autor, mas aos seus leitores. Portanto, a identificação dos sujeitos perante as realidades de uma obra literária, ultrapassa o prazer estético, acionando lembranças e reacendendo percepções de pertencimento.

⁷ Os estudos de Pierre Nora refletem sobre os lugares da memória, ou seja, a institucionalização da memória e a compilação das representações em arquivos, museus e outros meios. Para saber mais: NORA, Pierre. Entre Memória e História: A problemática dos lugares. Tradução de Yara AunKhoury. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

2. O LITERATO MNEMÔNICO: AS LEMBRANÇAS DE BARTOLOMEU CAMPOS DE QUEIRÓS

Autor reconhecido em âmbito nacional e internacional por sua escrita poética, Bartolomeu Campos de Queirós realiza no conjunto de sua obra - que ultrapassa meia centena - a transferência das vivências de diferentes períodos da sua vida. Nascido no estado de Minas Gerais, filho de pai caminhoneiro e mãe dona de casa, teve uma infância de experiências resultantes de lembranças familiares e superações. Da materna lembrança traz uma mãe doente que o deixou antes mesmo dos dez anos. Teve como grande parceiro de meninice o avô paterno, com quem passou a admirar as palavras e foi no olhar lançado sobre esse descobrimento que desenvolveu uma escrita particular ao compor narrativas em prosa poética que lhe proporcionaram inúmeras premiações⁸.

Militante de causas que propõem a arte como motora de engrenagem nos processos educativos e de sensibilização, Bartolomeu buscou formas de incentivo à leitura literária. Um dos ícones desse pensar foi a criação do *Movimento por um Brasil Literário* (www.brasilliterario.org.com) que visa à mobilização de indivíduos, instituições e comunidades a fomentar o direito à leitura de narrativas literárias. Lançado através de um folheto em julho de 2009 na Festa Literária de Paraty (FLIP), o *Movimento* defende a literatura como ato humanizador de homens e mulheres que, nesse processo, saem da condição de meros *consumidores* e vivenciam o papel de *investidores na artesanaria do mundo*⁹.

Seu primeiro reconhecimento literário veio com *O peixe e o pássaro* (1971), inscrito na primeira versão do Prêmio João de Barro oferecido pela prefeitura de Belo Horizonte (MG). A obra, desenvolvida durante um período de estudos na

⁸ Entre as premiações e distinções com as quais o autor foi contemplado destacam-se: Membro da Academia Mineira de Letras, 2009; Prêmio Iberoamericano Fundação SM IV edição, 2008; Prêmio Selo de Ouro – Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil: diferentes categorias em vários anos; Altamente recomendável - Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil: diferentes categorias em vários anos; Prêmio Hors-concours da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil; Prêmio Jabuti – Câmara Brasileira do Livro: em diferentes edições; Prêmio Associação Paulista de Críticos de Arte Bienal de São Paulo – APCA; Prêmio Câmara Brasileira do Livro; Academia Brasileira de Letras; Diploma de Honra do IBBY; Quatrième Octogonal – France; Medalha Rosa Blanca – Cuba; Prefeitura de Belo Horizonte, Minas Gerais. (Fonte: www.fnlij.org.br. Acesso em 21 de agosto de 2012). Premiação póstuma: Prêmio São Paulo de Literatura (2012)

⁹ Manifesto por um Brasil literário.(QUEIRÓS, 2012, p.118).

França, traduz sentimentos diversos provenientes da saudade de casa e da pátria. A estrutura simbólica apresentada na história de um narrador que observa a vida de um peixe e de um pássaro que vivem em mundos diferentes, porém em situações semelhantes, fez com que ele saísse vitorioso da seleção.

Após esse reconhecimento, Bartolomeu não poupou lirismo ao se debruçar sobre as palavras, pincelá-las uma a uma e colocá-las no papel. Ainda que descreditasse dos limites da escrita literária, seus livros estão catalogados por editoras e críticos como infantojuvenil.

Eu convivi durante muito tempo com uma poetisa brasileira que foi Henriqueta Lisboa. Henriqueta também me deu uma pista muito grande para meu trabalho, quando disse que a natureza era também muito sábia e a natureza nunca tinha feito uma árvore para adulto e uma árvore para criança; que a natureza nunca tinha feito um rio para adulto e um rio para criança; que não havia um sol para adulto e não havia, tampouco, um sol para criança. Então por que nós estávamos querendo fazer uma literatura para adulto e uma literatura para criança? (QUEIRÓS, 2012b, p.56)

Já nos últimos anos de vida lançou *Vermelho Amargo*, classificado como destinado ao público adulto. Falecido em janeiro de 2012 Bartolomeu eternizou seu ofício literário em palavras, percepções de vida e sensibilidade¹⁰.

Ciente dos riscos que o recurso da metáfora apresenta no resultado da obra literária, Bartolomeu Campos de Queirós priorizou suas qualidades, contemplando-a em seus trabalhos e, por ousá-la, obteve seus méritos. É nela que estão ampliadas as possibilidades de interação do leitor com o texto. A conquista da atenção de um autor por seu receptor muitas vezes só é possível através desse encontro entre palavra e experiência, ou seja, no entrelaçamento entre o fantasiado e o real.

Entre os fortes indícios que caracterizam a escrita de Queirós como autobiográfica estão as recorrentes repetições de situações, sujeitos e organizações que ajudaram a compor sua trajetória. Do galo Jeremias às figuras masculinas dos avôs, vemos uma narrativa que derruba as barreiras das suspeitas e nos colocam na posição de cúmplices das situações por ele rememoradas, pois seu universo é povoado por personagens da vida real ainda que, em alguns momentos, eles

¹⁰ *O fio da palavra* (Galera Record, 2012) e *Elefante* (Cosac Naify, 2013) foram obras publicadas postumamente.

tenham sido instrumentalizados com características fantasiosas provenientes de sua necessidade de domesticar¹¹ os fatos relatados.

Inseridos em contextos sociais específicos – o da infância e o do adulto – os livros de Bartolomeu Campos de Queirós são datados por aspectos comunais e institucionais. Deste último vemos a forte presença de três segmentos: a Escola, a Família e a Igreja. As lembranças do autor são também um apanhado das forças ideológicas em vigor, seus discursos e suas representações. No seu fazer literário, o adulto (autor/crítico) revê experiências de tempos idos, selecionando-os e transpondo para o papel seus posicionamentos e anseios.

Algumas de suas obras já referenciam essas instituições em seus títulos. Em *Ler, escrever e fazer conta de cabeça* (Ed. Global, 2004) e *Diário de Classe* (Ed. Moderna, 2003, 2ed.) a educação escolar e a sua organização são os temas abordados. *Por parte de pai* (Ed. RHJ, 1995, 10ed.), *O olho de vidro do meu avô* (Ed. Moderna, 2004) e *Vermelho amargo* (Ed. Cosac Naify, 2011) possuem enredos que tratam de questões familiares. Nelas identificamos o modelo familiar embutido no imaginário da sociedade brasileira daquele momento. Uma estrutura que tem seu núcleo sustentado por um marido provedor, uma esposa dona de casa e seus filhos. Em algumas passagens das obras podemos mapear mulheres caracterizadas por sensibilidade e submissão, enquanto os homens trazem traços de uma quietude ácida. O trecho que segue é um exemplo dessa caracterização.

Minha **mãe** prezava as **rendas** pelo que havia nelas de **fragilidade** e trabalho. [...] Não, não é somente a flecha da palavra que acorda a memória de seu estupor. O incenso é um perfume que me suscita para a incerteza de Deus. A rara **fragrância de alfazema** guia-me para o **bem profundo**, pátria definitiva de minha **mãe**. O Lancaster me devolve à vaidade que houve. O ácido perfume do alecrim me abre em viagens por fazer. O **odor da mortadela** deslança em mim **fragmentos de afagos, relíquias escassas do pai**. (QUEIRÓS, 2011, pp.24-25, grifo meu).

Os termos relacionados aos personagens asseguram os perfis traçados pelo autor. Ao resgatar a lembrança materna surgem palavras que estão ligadas à doçura: *renda*, *fragilidade* e *fragrância*. A essas o autor conecta a ideia de *bem*

¹¹“Quando um indivíduo constrói a sua história, ele se engaja em uma tarefa arriscada consistindo em percorrer de novo aquilo que acredita ser a totalidade de seu passado para dele se reapropriar e, ao mesmo tempo, recompô-lo em uma rapsódia sempre original”. (CANDAU, op. cit., p.76).

profundo. Para a relação com o pai foi apresentado *odor da mortadela*, possivelmente uma representação da figura de poucas palavras e distante. O *afago* paterno é composto – diferentemente daquele da mãe – por traços de amargura, contemplados pelos substantivos *fragmentos* e *reliquias* que sugerem ausências, mas que não descartam a possibilidade do amor.

Mais uma vez o leitor é conduzido a compor, imagetivamente, cada um desses personagens, não somente pela descrição que Bartolomeu traz sobre eles, mas pelas metáforas construídas e suas possibilidades de ressignificações.

A organização religiosa, em seus aspectos formais e normativos, ganhou destaque na obra *Antes do depois* (Manati, 2006). Embora não revele o enredo em seu título, a narrativa é dedicada ao aspecto ritualístico religioso do batizado. É o relato poético enfático da preparação e dos desencadeamentos desse sacramento.

O batismo é o primeiro dos sacramentos. Mas os sete sacramentos juntos não doíam como as sete espadas de Nossa Senhora. Sacramento é graça de que a gente não ri. Depois do batismo eu teria que seguir os ensinamentos de Jesus. Estava matriculado na escola de Deus. (QUEIRÓS, 2006, pp. 16-17)

O relato trata de um dia marcado por sal, óleo, missal, uma madrinha (que bendizia a presença do padre na cidade, pois ele vem acompanhado de missa e salvação), um vizinho ateu chamado Tenente Josué (com o qual o autor faz contraponto entre os valores da Igreja e os do indivíduo) e outros tantos sujeitos que estiveram presentes na cerimônia e seu festejo.

Apesar dos recortes utilizados aqui para análise serem específicos a cada uma das obras, é necessário pensar no contexto como um todo, ou seja, nas relações existentes entre estas instituições, na forma como afetaram as experiências do autor e, posteriormente, como afetam ou não as lembranças do leitor. Em variados títulos se percebe esse entrelaçamento e o peso atribuído a cada uma dessas organizações na trajetória do sujeito-narrador. Essa dimensão pode ser compreendida, por exemplo, no parágrafo (localizado nas páginas 18 e 19) de *Ler, escrever e fazer conta de cabeça* (*op. cit.*). A narrativa faz menção ao uniforme escolar, à via-sacra, ao livro de História (e Tiradentes), ao ato da comunhão, ao pecado original, ao padre, ao confessor, ao irmão José e ao pai. Aqui o diálogo entre as instituições é reforçado pelos elos estabelecidos pelo autor na associação que estabelece, por exemplo, entre a via-sacra e a pobreza vivenciada pelo pai, ou

ainda, na imagem do rosto de Jesus e a reprodução de Tiradentes trazida pelos livros de História.

Bartolomeu Campos de Queirós, em suas reminiscências, não desvincula o indivíduo da sociedade, ao contrário, ele demonstra as vivências coletivas como estando impregnadas em sua realidade. Esta percepção se torna ainda mais clara quando em seus textos ele utiliza de aspectos comunais que permitem ao leitor uma maior aproximação com a obra, pois são aspectos já introjetados em nossa realidade e que foi aceita como legitimadora de nosso pertencimento a um grupo. Em *Antes do depois* (op. cit., p.12) esse movimento fica claro no momento em que o autor relata a importância da ingestão de cerveja preta para mulheres na condição de amamentadoras. Essa precaução – passada de geração em geração é incluída no enredo – e remete à condição social do autor e de seu entorno. Ele tem consciência de que ao mencionar esse comportamento será compreendido por uma parcela considerável de seus leitores. À outra parcela – um público mais jovem - ele colabora ao trazer registros de fazeres culturais que não constituem acervos de vestígios materiais encontrados em galerias ou museus. Daí a importância trazida pelos escritos autobiográficos deste autor que, em sua ambiguidade, podem ser lidos como registros históricos ou recebidos em sua fruição artística. É importante, contudo, lembrar que na maioria dos casos as duas leituras são feitas de forma paralela.

2.1 A concepção de memória segundo Bartolomeu Campos de Queirós

A escolha das palavras para descrição das situações vividas, ou para dar voz a outros sujeitos inseridos nas suas reminiscências, faz da escrita de Queirós uma conjunção de termos assertivos. Desse resultado temos um leque de possibilidades que exemplificam a estrutura da prosa-poética tão latente no autor. Limitemo-nos aqui às obras que dão sustentabilidade a essa pesquisa: *O olho de vidro do meu avô* (2004) e *Antes do depois* (2006).

Para o primeiro título selecionamos os excertos:

“Fui criado por via das dúvidas. Quando adoecia, minha mãe chamava o farmacêutico, por via das dúvidas. Mas, por via das dúvidas, acendia uma vela. Por via das dúvidas escaldava um chá. Por via das dúvidas mandava benzer. E eu, por via das dúvidas, voltava a ter saúde.” (p.9)

“O retrato deixa as pessoas para sempre.” (p.15)

“A lágrima sempre salgou meu sofrimento com seu mistério.” (p.16)

“Eu não gosto dos crepúsculos ou das madrugadas. São momentos indecisos e fáceis de trazer tristeza. Na madrugada sinto como se a noite tivesse preguiça de nos deixar e o dia, preguiça de começar, e eu, com medo de crescer.” (p.29)

Para a amostragem da mesma linguagem utilizada pelo autor em *Antes do depois* (2006), vejamos os exemplos:

“Quem fala a palavra ‘depois’ tem certeza de que vai viver mais um dia. Eu só digo ‘depois’ por descuido.” (p.12)

“Para muitos, enlouquecer e sonhar são defeitos. Desconhecem que só enlouquecemos ao não viver os sonhos.” (p.14)

“O batismo é o primeiro dos sete sacramentos. Mas os sete sacramentos juntos não doíam como as sete espadas de Nossa Senhora. Sacramento é graça de que a gente não ri.” (p.16)

O caráter poético é proveniente de um olhar para o passado que, através de suas constatações, o faz perceber e incluir em seus discursos algumas de suas concepções. Ao relatar suas experiências, o autor tem consciência da elaboração do seu discurso mnemônico. Estamos, portanto, nos referindo a uma narrativa autobiográfica que normatiza sua locução, mas que sabe do peso que tem a memória.

“Mas tudo depende da minha memória. Há dias em que estou mais para esquecer e outros para mais lembrar. Tem instantes em que nem existo, sou algodão-doce. Em outros, eu existo demais, sou chumbo! Não conheço borracha para apagar memória. É uma boa coisa para a gente inventar e ficar rico. Memória não tem filtro e armazena tudo. Memória a gente não rasga, não joga no lixo, não lava com sabão. Memória é sentinela, e nos vigia sempre. A memória não vê mas não tira o olho. Vai somando vida afora. Tudo que a gente olha, ouve, toca, come e cheira, a memória não esquece. E, de repente, transborda mais rápido que enchente. Coisas que a gente só imaginou a memória guarda. E fatos que a gente nem sabia que sabia rompem sem mais nem menos no pensamento. Memória é biblioteca sem livros. Memória nos engorda sem ninguém perceber. E chegar ao mundo com 57 anos é ter, desde cedo, um grande peso de memória. Não se pesa memória em balança. Memória é traiçoeira e nos ataca em todos os momentos. Memória se equilibra entre

tristezas, alegrias e arrependimentos. Se a gente acha que esqueceu, num instante a memória acorda. E uma memória puxa a outra. (QUEIRÓS, 2006, pp.10-11)

“Coisas no princípio confusas, eu só vim costurar mais tarde. A memória é uma faca de dois gumes. Ela guarda fatos que me alegram em recordar, mas também outros que desejaria esquecer, para sempre. A memória é como cobra: morde e sopra.” (QUEIRÓS, 2004, p.17)

Os pareceres de Bartolomeu Campos de Queirós sobre sua noção do que é a memória convidam a promover movimentos de alteridade. As orações curtas, mas de grande impacto, possibilitam reflexões e reconhecimento daquilo que, pelo autor, representam nossas experiências humanas. Ele nos coloca num lugar de dor e constrangimento; de redenção e descoberta; de aproximação e pertencimento.

Há uma linha tênue entre a memória enquanto faculdade humana (retenção de experiências) e a memória de alto nível (aquela fundamentada pelas recordações). Porém, como não há por parte da arte qualquer intencionalidade de cientificidade, não cabe aqui um julgamento dos conceitos do autor sobre o resguardo ou a função memorialista.

2.2 Bartolomeu: um autor de tantas outras histórias

Limitar a escrita de Bartolomeu Campos de Queirós às narrativas de cunho memorialista é um equívoco, pois o conjunto de sua obra é constituído por diferentes recursos de linguagens e diagramação. No intuito de valorização da palavra, o autor arquitetou (muitas vezes em parceria com ilustradores ou diagramadores) meios que agregaram elementos de visualidade à sua narrativa.

A forma lírica, com a qual o autor recebeu reconhecimento e que caracteriza seus títulos, permite a criação de imagens com as quais povoamos suas histórias. Portanto, mesmo quando os traços de um ilustrador acompanha o enredo, liberamos elementos que somam à escrita. Mesmo nos momentos em que avaliava o seu ofício e o uso da palavra, fazia-o com cautela.

Aos poucos – e lentamente – minha aranha começa o seu bordado. Sobre o espaço do papel vazio uma geometria exata vai se formando. Ela amarra na beirada da folha a ponta do fio e puxa até a outra extremidade. Sua primeira escrita tem que ser forte para suportar o peso da espiral, que brota infinitamente de seu ofício. Minha aranha sabe que em seus fios muitos insetos se equilibrarão como trapezistas. Uma abelha descansará, pesada de néctar; um mosquito interromperá seu aflito voo para repousar as asas; um pernilongo se hospedará para afinar sua garganta. Não sei se a aranha sabe que sua teia é aeroporto de reuso e escalas. (QUEIRÓS, 2012a, p.24)

Seria impossível (e pretensioso) – para esse espaço - uma análise de todo o conjunto da obra de Queirós. No entanto é imprescindível compor uma amostragem com alguns títulos que demonstrem a estrutura citada. Esta seleção não segue fatores cronológicos ou qualquer outro tipo de intencionalidade.

Para exemplificar as obras do autor em que a própria grafia é o recurso de partida para o enredo, selecionamos *Raul luar* (2007), *Diário de Classe* (2003) e *ABC... até Z!* (2009). A semelhança entre os três livros escolhidos é a proposta de uma leitura dinâmica, possível pelas rimas e a visualidade trazida quando da palavra escrita. Vejamos:

Raul é luar
é lua
é bola
é belo (p.18)

[...]

E, quando Raul é luar e lua e bola e belo
raul é bola e rola na nuvem do luar (pp.21-22)¹²

A disposição das palavras sustenta a mesma ideia em *Diário de Classe* (2003). E já na introdução da obra o leitor é convidado à descoberta: *Se olho para uma palavra, descubro, dentro dela, outras palavras. [...] Leia a palavra janela, tentando encontrar as outras palavras que nela estão debruçadas.* (p.3) Para esse substantivo o autor indica – no formato de caça-palavras – os termos *ela, anel, Jane, Ane, anela, já, lá*. A proposta seria bastante agradável, no entanto, para cada letra do alfabeto o autor apresenta um novo caça-palavras e um pequeno poema, como no exemplo que segue:

¹² O livro essa última oração está representada de forma ondulada, indicando uma ida ao céu.

C	A	M	I	L	A
C	A				
				L	A
C	A	M			A

(p.12)

No colo da mãe
pra lá
pra cá
Camila cochila.
Na cama
a menina mimada
dorme sem drama!

(p.13)

No abecedário, *ABC... até Z!* (2009), a brincadeira está na mistura entre codificar os elementos que tem em seus inícios vogais ou consoantes e suas possíveis rimas, num jogo de trava-línguas. Para a letra, 'g' temos a seguinte proposta:

Da generosa garça,
o gavião ganhou de graça
o gato guerrilheiro.

O gato guerreiro
gosta de grito de guerra
e glórias de general.

O gavião garboso
gosta de gingar na gafeira,
de gandaiar e gargalhar.

A garça sem graça
guardou o avião na gaiola,
e o gato na gaveta.

(p.20)

Nos três casos apresentados a proposta está clara: a dimensão extensiva da palavra. É considerável o número de obras do autor que se utiliza de tal recurso em sua composição. No entanto, o que podemos perceber é a perda da qualidade poética tão latente em suas descrições. Em *Raul luar* (2007) há uma veia poética, quando a narrativa perpassa a simples aparência da grafia das palavras e revela que Raul e luar transitam entre o belo, a bola e a nuvem.

Quando a narrativa é voltada para um enredo desenvolvido através de uma história, ou seja, quando a narrativa se faz em torno de uma linguagem mais livre e sem preocupação didática ou infantilizada, a fruição ocorre de forma mais aprazível.

Para esse contraponto escolhemos *Ciganos* (2004), *Ah! mar* (2007) e *A árvore* (2010). São escritas que trazem à tona um alto grau de sensibilidade, metamorfoseadas em metáforas. A figura de um menino – certamente o autor quando criança - está presente em duas dessas histórias. Em *Ah! mar* (2007) ele quer realizar o desejo de conhecer o mar, saciar sua sede de pertencimento. Para

isso discorre sobre a origem da humanidade (num tempo em que tudo era tomado pelo mar), divaga por notícias trazidas por marinheiros e suspira as dores de um sonho tão distante.

Ah! Viver entre montanhas é estar perto do céu e andar sobre trilhas contornando abismos. Nas montanhas, a voz esbarra nos montes e volta eco em outro tom. Há que ter, ainda, um andar paciente, um olhar curto, pois o horizonte é perto e o silêncio um companheiro solitário de viagens. E quando se vence uma altura, descortinam-se mais espinhaços. Longe do mar inventam-se oceanos. (p.7)

Em *Ciganos* (2004), a criança, que não recebe a devida atenção em casa, quer ir embora com o agrupamento nômade, que chega à cidade e deixa rastros de medo e de questionamentos (quem são aquelas pessoas? o que fazem? do que vivem? roubam crianças?). *Essa maneira milenar que os ciganos tinham de estar no mundo – nascendo em cada chegada e morrendo em cada partida – incomodava os habitantes da cidade, sempre a perseguirem o eterno* (p.5). Mas o menino admira sua simplicidade e o jeito livre de viverem. Ele quer ser roubado, para ver se o pai o salva. É a história de uma criança que precisa da atenção dos pais.

Se a infância está representada nos exemplos anteriores, a velhice - ou o acúmulo de experiências – é retratado através de analogias em *A árvore* (2010). A metáfora do abrigo de seres, de vivências e de períodos distintos na vida de uma árvore, nos remete aos saberes adquiridos pela vida a fora. E, conforme o autor, é preciso saber envelhecer para se aproveitar as sombras conquistadas.

Os grilos são poucos, mas também moram no mundo da minha árvore. Dizem que grilo gosta mais de escutar do que cantar. Não sei se as cigarras cantam para os grilos ou para a árvore. Prefiro acreditar que as cigarras cantam por desespero. (p11)

[...]

Pelo muito que minha árvore me faz pensar, tenho por ela um respeito desmedido. Passo horas do meu relógio decorando as lições que minha árvore me ensina. Ela não sabe que é minha professora. Aliás, desconfio que minha árvore viva gratuitamente. (p.32)

As análises aqui propostas poderiam se prolongar ou serem passíveis de abordagens mais amplas a respeito de Queirós, que é um dos maiores autores da literatura contemporânea. Mesmo com os limites aqui estabelecidos, pudemos, através dos trechos selecionados, alargar um pouco mais os horizontes na busca de uma melhor compreensão da produção do autor.

Entre o vasto número de possibilidades de leituras sobre suas obras, é iminente saber que ele transitou por diferentes linguagens e buscou se aproximar de diferentes realidades. Do reconto de lendas folclóricas à escrita para adultos, Bartolomeu soube fazer uso da palavra e, por fazê-la com qualidade, vem conquistando indivíduos de todas as idades. Com sua prosa poética, alargou os horizontes de sua narrativa, incorporando a ela o contador de histórias.

3. A LINGUAGEM LITERÁRIA COMO RECURSO DE INFLUÊNCIAS IMAGÉTICAS

O processo de mediação existente entre uma obra literária e o leitor é estruturado por elementos que, ao dialogar entre si, se complementam e criam atmosferas de tempo e espaço.

No ato da leitura, os indivíduos estabelecem vínculos com a escrita apresentada, criando elos entre suas vivências e a história com a qual tem contato. Esse procedimento parte da codificação da linguagem trazida pelo autor e sua ressignificação pelo leitor. Os registros de grupos que se reúnem para ouvir o relato de histórias através da oralidade demonstram que esse é um movimento que antecede as sociedades ágrafas. Ao interagir com uma narrativa e seus recursos linguísticos, somos persuadidos pela identificação de um conjunto de símbolos que permitem compreender cenas, situações, caminhos e desencontros, não pela simples sequência de fatos, mas por já termos prova dos efeitos próximos ou idênticos à de seus personagens. Se o leitor não passa pelos processos de reconhecimento e assimilação, corre o risco de abandonar a leitura ainda nas primeiras páginas. A literatura constantemente convida a vivenciar essa experiência, e sua aceitação acarreta uma multiplicidade de sensações.

A narrativa literária como forma de expressão artística, ao mesmo tempo em que se abstém de certezas, está envolta pela possibilidade de projeções. É no sujeito leitor que a obra atinge sua plenitude. As relações estabelecidas entre o repertório de vida do leitor e as sugestões propostas pelo narrador trazem a cada leitura uma singularidade, e ainda que um mesmo sujeito leia um único título em diferentes momentos de sua vida ele lhe conferirá diferentes interpretações.

Por mais detalhado que possa parecer um enredo, nele existem brechas que só podem ser preenchidas através das particularidades de cada indivíduo. Uma reflexão sobre esses procedimentos pode ser admitida pelas transposições de linguagens representadas pelas adaptações de textos literários para peças teatrais e para o cinema. A versão do diretor – escolha dos autores, cenário, ritmo – normalmente não condiz com aquilo que havíamos visualizado ao lermos o livro no qual o roteiro foi adaptado. Possuímos em nosso imaginário uma série de padrões, estereótipos e desejos que, transpostos de nosso inconsciente, vestem personagens e delimitam situações.

Para melhor conceituar o parâmetro aqui apresentado no que se refere a esse processo, utilizaremos os termos *visualidade* e *visualização* propostos por Luís Hellmeister de Camargo em seu estudo sobre texto verbal e ilustração. Para o autor essas designações correspondem ao *conjunto de características que um texto apresenta e que pode suscitar imagens na mente do leitor* (2006, p.124). Sua pesquisa levou à consideração de que são quatro os fatores que favorecem a visualidade diante da leitura de obras literárias: *concretude* (materialização das palavras, expressões e frases); *familiaridade* (com as situações, os personagens, os objetos e os lugares representados); *predicabilidade* (fluidez entre o que propõe o texto e as expectativas do leitor) e *clímax da narrativa*. (Idem, p.179).

Diante dessas características o leitor compõe uma nova obra, ou seja, são acrescentados ao enredo novos significados. É através do processo de alteridade estabelecido entre leitor – personagem - autor - que são construídos os movimentos de identificação do receptor com a obra.

São nos repertórios imagéticos dos sujeitos que uma mesma narrativa pode representar tempos e espaços diversos. Como referência para o entendimento da noção de repertório imagético, sugerimos aquele que agrega as imagens de vivências do leitor que são acionadas na identificação dos fatores responsáveis pela visualização. As cores, as tonalidades, as estruturas físicas e psíquicas de fatos ou pessoas reais abastecem aquilo que está nas entrelinhas. Os substantivos vão se adjetivando.

Se o escritor dá instruções para o leitor imaginar, o leitor, por sua vez, é um imaginador. Imagina, quer dizer, busca na sua memória experiências vividas e seleciona imagens e as recria, visando torná-las coerentes com o contexto. O texto parece funcionar, assim, como uma espécie de roteiro de edição para suas imagens mentais, uma espécie de *briefing* para a imaginação. (CAMARGO, 2006, p.185)

Ainda que a literatura de cunho autobiográfico esteja baseada na descrição de fatos e de personagens que tenham uma existência real, sua leitura proporciona percepções dicotômicas. Somos convidados a compactuar com uma narrativa estruturada sobre bases inseguras, provocadora de questionamentos quanto à sua veracidade e sua constituição. A estrutura apresentada incita a pensar no limiar existente entre memória, imaginação e autoria. No entanto, mesmo os dados imaginados ou aqueles elevados à categoria de fantasia, falam de um contexto específico, seja por sua capacidade de fomentar outra opção que não a estabelecida

pelo cotidiano, seja pela projeção de uma situação que não pode ser vivida por questões convencionais. As vozes marginalizadas de um indivíduo ou grupo podem ser percebidas num enredo que reage às repressões com sonhos.

A pertinência de estudar a estrutura da narrativa autobiográfica se faz pelo jogo que estabelece entre realidade e ficção. O limiar da escrita de vivências reais é extrapolado quando essa linguagem está munida da poesia [ou da prosa poética], pois ao adotar esse estilo composto de simbologias o autor abre espaço para a interação com o leitor.

Ciente da importância desse espaço na narrativa, Bartolomeu Campos de Queirós assumiu, inúmeras vezes, que as lacunas deixadas pelas palavras escolhidas minunciosamente por ele eram propositais:

Quando se diz a palavra “pai”, sei que cada indivíduo ouvinte adjetiva essa palavra com sua experiência. Para alguém, pai é aquele que o abandonou; para outros, o que adotou, para outros, o que eles não conheceram, e assim por diante. Nenhuma palavra é solitária. Cada palavra remete o leitor ou o ouvinte para além de si mesma. (QUEIRÓS, 2012b, p.68).

Estamos diante de uma percepção da literatura como arte que adquire possibilidades infinitas de significados, pois sua estrutura se dispõe a isso. Há, por parte do autor, uma abertura que convida o leitor a realizar tal procedimento e este o faz, ainda que inconscientemente.

Os estudos referentes à escrita e à sua recepção, ou seja, o processo de fruição estabelecido entre obra-leitor, está no cerne das abordagens dos alemães Hans Robert Jauss e Wolfgang Iser. Ainda que, reconhecidamente, as análises desses importantes teóricos tenham sido ampliadas em pesquisas que revisitaram suas bases e lhes possibilitaram diferentes vertentes, no trabalho aqui proposto seus conceitos elucidam de forma pertinente os fenômenos literários apresentados.

Nascida na Alemanha, a partir da década de 1960, a *estética da recepção* é um ato de resistência e um convite alternativo ao tratamento dado para a literatura no contexto em que a Europa vivenciava uma série de manifestações e despertares da juventude contra os poderes instituídos. Diante de teorias que viam o leitor literário como passivo, Hans Robert Jauss abriu caminhos que despertassem olhares para uma visão mais ampla da escrita e de seus receptores. Suas críticas são destinadas aos modelos teóricos do estruturalismo e do formalismo russo, e

suas propostas baseadas na presença da hermenêutica e da poética. Essas duas últimas características possibilitam ao leitor uma experiência estética, ou seja, há um movimento de emancipação através da identificação com o texto. Para compor esse pensamento, ele se utiliza de três termos *poíesis*, *aisthesis* e *katharsis*.

O conceito de *poíesis*, é caracterizados pelo processo de co-autoria da obra por parte do leitor, que estabelece um diálogo entre os referenciais trazidos pelo texto e as suas experiências. Portanto, os espaços preenchidos no campo da imaginação são carregados de significados singulares e de modelos diferenciados pelas múltiplas realidades dos leitores. A experiência da *aisthesis* é aquela que resulta no processo de alteridade, do reconhecimento e da decodificação da situação revelada pelo autor. Nela – como num espelho - o leitor identifica (assumindo ou repudiando) posturas, contextos e fazeres coletivos.

As ações – de mobilização, de modificação nas posturas, de excitação - tomadas pelo leitor após o contato com uma narrativa com a qual se identifica, são de responsabilidade da *katharsis*. Essa experiência dá, ao receptor, a sensação de liberdade, de alívio, uma espécie de *descarga prazerosa, como se participasse de uma cura* (JAUSS, 1979, p.65).

Para melhor explicitar as análises realizadas, selecionamos os termos trazidos por Wolfgang Iser em seus embasamentos sobre a recepção da literatura. Para esse teórico a experiência estética é decorrente não só do leitor, como julgou num primeiro momento Jauss, mas também de aberturas e vazios próprios do literário. Essa relação desproporcional se faz necessária, pois *são os vazios, a assimetria fundamental entre texto e leitor, que originam a comunicação no processo de leitura* (ISER, 1979, p.88). A assimetria garante à obra a certeza de que sua leitura nunca se fará por completo, ou seja, sempre existirão infindáveis leituras sobre um mesmo enredo literário.

Os autores, acima, possuem entendimentos sobre a literatura e seus desdobramentos, caracterizados pela fruição do leitor diante da obra. Os direcionamentos teóricos de Luís Camargo, Bartolomeu Campos de Queirós e dos percussores da *estética da recepção*, desestabilizam definições que tratam o fazer literário como um ciclo fechado. Ao mesmo tempo em que limitam as interferências do leitor ao texto, lhe dão o *status* de colaborador.

A intencionalidade do texto, que abre possibilidades à experiência do outro e o reconhecimento do seu lugar no mundo, ainda que imagético, é corroborada por Tezza (2012, pp.219-220), na afirmativa de que

São os olhos do leitor que criam o que ainda não existe, a partir dos andaimes textuais lançados pelo narrador. O ato da leitura realiza enfim a passagem delicada de um lado do real, a criação do narrador, a outro lado, a criação do leitor, que se fará sobre uma mensagem parcialmente cifrada. Permanece sempre entre a voz do narrador e os olhos do leitor a matéria bruta da realidade, que jamais falará por si só, mas cuja força, peso e determinação sentimos o tempo todo no evento aberto da vida.

Assim como outras manifestações artísticas e culturais, a narrativa literária é interativa e, por seu perfil dinâmico, provoca diferenciadas reações.

A aplicabilidade desse pensamento nos fazeres práticos da leitura literária, seu funcionamento e seus resultados, serão aprofundados no próximo passo dessa escrita (Capítulo 4). Trata-se de uma amostragem que, através de uma metodologia própria, exemplifica e corrobora as afirmativas dos autores.

4. AS REMINISCÊNCIAS DO LEITOR COMO REPERTÓRIO IMAGÉTICO – impacto da leitura de obras autobiográficas sobre os leitores

O leitor é um imaginador. À medida em que lê, busca na sua memória experiências vividas e imagens, selecionando as mais compatíveis com o texto. Inicialmente, projeta no texto suas experiências e expectativas, busca no texto uma espécie de espelho. À medida em que amadurece, vai aprendendo a distinguir as suas experiências das experiências do autor, tornando-se capaz de reconhecer, de compreender e até mesmo de buscar experiências e pontos de vista que ampliem sua consciência, sua visão de mundo e suas atitudes. (CAMARGO, op. cit., p.193)

Partindo das premissas apresentadas nos capítulos anteriores e, com o objetivo de entender como as lembranças do leitor são instigadas através do contato com a literatura autobiográfica, realizei um trabalho de campo com duas obras, *O olho de vidro do meu avô* (2004) e *Antes do Depois* (2006), ambas do autor mineiro Bartolomeu Campos de Queirós. A escolha por esses títulos partiu do critério de densidade dos textos (e sua linguagem) em consonância com o perfil do grupo convidado a fazer parte da amostragem dessa pesquisa: uma associação localizada na cidade de Barra Velha – SC composta por mulheres com faixa etária acima dos 40 anos e com vasta experiência de vivências (individuais e coletivas). A Associação das Senhoras Solidárias de Barra Velha (ASSBV) foi fundada em 13 de abril de 1985 através de movimentos filantrópicos realizados pela sra. Arlete Borges e, mais tarde, por outras companheiras que aderiram à sua causa. No ano de 1993, a representatividade das atividades propostas pela organização lhe rendeu a configuração, pela Lei Municipal nº 73/93, de Utilidade Pública e o recebimento de lotes da prefeitura para a construção de uma sede própria. Atualmente o número de associadas somam 50 (cinquenta) que, através da venda de trabalhos artesanais, bingos, bailes e doações, arrecadam lucros para a manutenção da entrega de cestas básicas para idosos e famílias carentes da região.

A prática desta pesquisa com as associadas aconteceu através de contatos semanais. Num primeiro momento apresentei às Senhoras Solidárias o projeto, seus objetivos e, após entendimentos e acordos feitos com as voluntárias (no sentido dos horários, do voluntariado e das questões éticas), nossos encontros passaram a ser realizados nas dependências da associação.

Para cada encontro (delimitado numa média de 30 minutos às segundas-feiras) um trecho de uma das obras foi lido e, em seguida, cada voluntária recebeu

envolvimento no decorrer de suas ações, pois puderam expressar sentimentos e registrar pequenos resquícios de suas histórias pessoais.

As imagens, a seguir, ilustram o momento em que as voluntárias respondiam os questionários após terem ouvido a leitura da obra *Antes do Depois* (2006).



Fonte das imagens: o autor. Data: 26/11/2012.

Alguns objetivos específicos foram buscados através dos procedimentos realizados durante toda a pesquisa aqui apresentada:

- atentar para os elementos constitutivos do conjunto da obra de Bartolomeu Campos de Queirós enquanto relato autobiográfico;
- investigar o leitor enquanto elemento extensivo do fazer literário através da narrativa mnemônica e suas singularidades;
- distinguir, nas reações do leitor, movimentos de lembranças subjetivas e coletivas.

- interferir na valorização trazida pelos sujeitos da pesquisa acerca das suas reminiscências e na relação dessas com o coletivo.

Os resultados preliminares já me permitiam estabelecer um diálogo entre os objetivos elencados acima, a realidade condizente ao autor das obras analisadas e seus receptores. Ao revisar a bibliografia teórica e as obras de Bartolomeu Campos de Queirós, foquei na investigação de elementos que estruturam o conjunto da obra do autor enquanto relato autobiográfico. Essa noção foi corroborada em alguns de seus títulos (conforme resultados apresentados no capítulo 2) que têm, em sua composição, artifícios de uma literatura memorialista: relato na primeira pessoa, universalização e generalidade.

Esses artifícios dimensionam os resultados obtidos pelo leitor no ato da leitura literária (ou do contato com ela), pois permitem que seu receptor crie significados condizentes ao seu passado, à sua realidade e/ou aos seus anseios. São movimentos que refletem pensamentos singulares a cada indivíduo, mas que perpassam a esfera privada ao reforçar valores e representações coletivas. Esse caráter de coletividade – ainda que a ideia da memória como faculdade humana não permita assumir a possibilidade de uma memória de grupo¹⁴ – foi assumido pelas voluntárias em diversos momentos, seja no canto (hino) da igreja ou, ainda, na influência recebida por um programa de televisão.

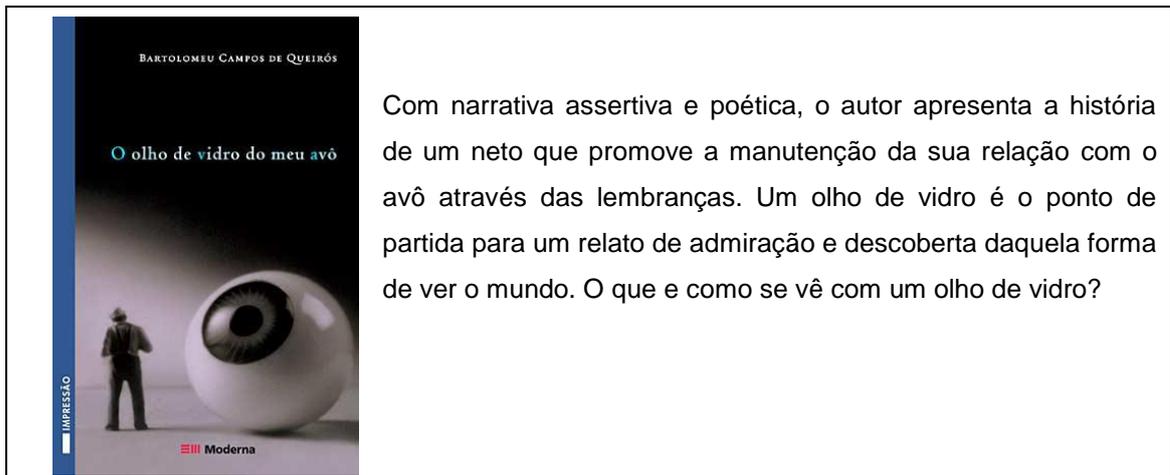
A aplicação dos questionários fez com que as envolvidas no processo saíssem da passividade, buscando em suas experiências, significados próprios para o entendimento das obras. Portanto, as interferências dessa pesquisa não refletiram apenas no tempo dispensado pelas voluntárias à escuta das leituras no grupo, mas também na ativação de reminiscências pessoais e no imbricamento dessas com as do autor.

Para a descrição das análises dos dados coletados durante a aplicação da pesquisa, optei pela divisão em dois blocos relativos a cada uma das obras aplicadas *O olho de vidro do meu avô* (2004) e *Antes do Depois* (2006). Assim a particularidade de cada um dos títulos será respeitada e a compreensão se fará de maneira mais clara. Todas as palavras, frases ou trechos em itálico correspondem

¹⁴ Rever citação de CANDAU (2011), página 10 dessa dissertação.

às respostas das voluntárias, e, a consoante Q (seguidas de datas) corresponde aos questionários disponíveis nos anexos¹⁵.

4.1. O olho de vidro do meu avô



Com narrativa assertiva e poética, o autor apresenta a história de um neto que promove a manutenção da sua relação com o avô através das lembranças. Um olho de vidro é o ponto de partida para um relato de admiração e descoberta daquela forma de ver o mundo. O que e como se vê com um olho de vidro?

Fonte: o autor

Para a leitura completa da obra foram necessários cinco (05) encontros, realizados nos dias 02 e 23 de julho, 06 de agosto, 15 e 29 de outubro de 2012. A existência de intervalos entre as semanas é resultado de dias em que não houve a possibilidade da leitura. A leitura da obra ficou dividida da seguinte forma:

- 1º. Encontro (02/07/2012): apresentação do livro (capa, autor, editora, ano) até a página 13.
- 2º. Encontro (23/07/2012): página 13 até página 19.
- 3º. Encontro (06/08/2012): página 19 até página 25.
- 4º. Encontro (15/10/2012): página 25 até página 30.
- 5º. Encontro (29/10/2012): página 30 até página 46.

A obra tem seu início com a percepção de Bartolomeu Campos de Queirós sobre o seu avô e o fato deste possuir um olho de vidro. “Era de vidro o seu olho esquerdo. De vidro azul-claro e parecia envernizado por uma eterna noite. Meu avô via a vida pela metade, eu cismava, sem fazer meias perguntas.” (p.5). A partir desse ponto, o relato é estruturado em torno das lembranças do autor em relação à sua infância e as associações feitas com a realidade do avô.

¹⁵ Para preservar a identidade das voluntárias seus nomes foram substituídos por siglas.

A narrativa poética de Queirós convida o leitor ao lúdico. São nas analogias e nas metáforas que estão as possibilidades de articulação e de atribuição de valores por parte do receptor à obra. Vejamos alguns exemplos trazidos pelo título em questão: “A lágrima sempre salgou meu sofrimento com seu mistério.” (p.16), “Meu avô tinha um filho para cada dia da semana, ou para cada fase da Lua, ou para cada cor do arco-íris, ou para cada nota musical.” (p.19), “Palavra é como borboleta, bate as asas e voa. Palavra não nasce em árvore ela brota no coração.” (p.35). O recurso da prosa poética amplia as possibilidades de significados dados pelo leitor aos substantivos lágrima, filho e palavra. Em cada um dos casos apresentados os termos são redimensionados a novas interpretações.

A análise dos dados trazidos pelos questionários preenchidos pelas senhoras certificou o pensamento acima, pois, já nos resultados do primeiro encontro, identifiquei casos que ilustram essa recepção. A voluntária B.A.R. (Q. 02/07/12) ao ouvir os trechos “Dizem que ele viajou para São Paulo. [...] Venceu longos dias de estrada, poeira, lama, fantasiado de pirata, como se fosse carnaval.” (p.7) e “A verdade, se existe, deve ser exagerada demais. É maior que o mar. O mar tem margens e a verdade não.” (p.9), transpôs para o papel atribuições bastante significativas. No primeiro caso ela descreve, para a palavra *pirata*, a seguinte situação “*Lembrei do filme pirata do Caribe. Gente que faz o mal*”. O repertório pessoal – de vivências acumuladas - da voluntária fez com que ela relacionasse o substantivo *pirata* ao filme¹⁶ e às maldades cometidas por seus personagens, ou seja, sua experiência ilustrou a ideia primeira trazida pelo autor mineiro. Para a sequência, escolheu a palavra *mar* a qual acrescentou o comentário “*Imensidão, sinto-me minúscula diante de sua grandiosidade.*” dando a sua impressão pessoal do contato com o recurso natural.

A voluntária D.B. (Q. 02/07/12), ao escolher os mesmos substantivos, indicou as seguintes descrições: “*grande extensão de água – linda – com muita vida*” (para *mar*) e “*assaltantes de alto mar*” (para *pirata*). Ainda que a voluntária tenha, praticamente, elaborado significados de senso comum aos termos, é importante perceber que não houve a reprodução fiel da narrativa ouvida. Essa despreensão de analogias pode ser ajustada ao termo protomemória adotada por Joël Candau ao

¹⁶ Trata-se do filme Piratas do Caribe (2007). Direção: Gore Verbinski, 143 min.

se referir às lembranças primárias, ou seja, àquelas ligadas aos fazeres ordinários. A protomemória é baseada nos movimentos que, aparentemente, nos parecem mecânicos, “pois é nela que enquadramos aquilo que, no âmbito do indivíduo, constitui os saberes e as experiências mais resistentes e mais bem compartilhadas pelos membros de uma sociedade” (CANDAUI, op.cit., p.23). A essa concepção – de uma memória de baixo nível – que não reivindica redes complexas para o armazenamento de lembranças, somam-se as noções de universalização e de generalização, ambas caracterizantes da literatura autobiográfica. Desse entendimento afirmo que houve, então, uma identificação por parte das receptoras com a obra por estar estruturada sobre essas bases. Assim como nos dois exemplos já citados, a participante R.S. (Q. 02/07/12) também agrega à leitura sua realidade. Refiro-me à escolha de três das cinco palavras descritas no questionário pela voluntária. Os termos *mãe*, *netos* e *vó* foram citados, porém, o único contemplado pela obra é *mãe*, ao qual o autor relata “Um dia eu virei meu avô. Minha mãe me vestiu de pirata. [...] Mas sem a venda eu deixaria de ser pirata e ainda mataria a alegria da minha mãe de me ver como seu pai.” (p.11). A descrição referente a palavra *mãe* foi “*a pessoa mais maravilhosa que a pessoa pode ter.*” e, para *netos* e *vó*, foram escolhidos, respectivamente, “*tenho 3 netas maravilhosas*” e “*amo muito minha avó*”. Todas as três palavras – ainda que *netos* e *vó* não sejam citados por Queirós - deflagram a valorização da família por parte da participante ao ponto de adicionar esses dois últimos termos à lista. A leitura instigou a associação de palavras relacionadas a contextos familiares.

Como resultado do segundo encontro (em 23 de julho de 2012), destaco a escolha por palavras relacionadas à memória nos relatos de duas senhoras, C.M.S.L. (Q. 23/07/12) e de M.L. (Q. 23/07/12). Para o primeiro caso, temos no trecho “A falta de olhos sempre me perseguiu. Tive um galo que se chamava Jeremias. Como meu avô, ele só via um lado do mundo. E não adiantava voar até São Paulo. Não existia olho de vidro para galo.” (p.14). O substantivo *galo* recebeu por C.M.S.L. (Q. 23/07/12) o seguinte registro, “*lembrança de infância num sítio.*”, enquanto na narrativa que se segue “Querida saber se olho de vidro contém lágrimas. Mas ele não chorava. Motivo ele tinha.” (p.15), a palavra *lágrimas* adquiriu funcionalidade “*lavam a alma dos sofrimentos vividos.*”. Por fim, temos nas orações “Na sala da casa, dependurado na parede, estava um retrato de meu avô e da

minha avó, de meio-corpo. [...] O retrato deixa as pessoas para sempre.” (p.15), um destaque para *retrato*, na afirmativa “*o que me resta da lembrança do meu marido*”. Há, ainda, dentre as respostas desse mesmo questionário, a palavra *memória* indicada pela sequência “*traz os bons e os maus momentos que passamos em nossa vida*”. É importante atentar para as descrições feitas pela voluntária, uma vez que todas elas estão relacionadas às ideias de passado e de recordação (*lembrança, vividos, momentos que passamos*). Creio que esta percepção é proveniente da própria escrita de Bartolomeu Campos de Queirós, que narra a sua infância com o olhar da sua contemporaneidade, ou seja, ele instiga o receptor – ainda que essa não seja a pretensão primária de sua arte - a realizar o mesmo movimento.

A voluntária D.M. (Q. 23/07/12) participou de dois dos cinco encontros realizados para a leitura de *O olho de vidro do meu avô* (2004), mas ainda que este número pareça pequeno, ele trouxe importantes resultados no preenchimento do questionário. Ao ouvir o relato do autor (no qual ele descreve a presença do avô embaixo de um pé de jabuticabas, a sua vontade de que esse tivesse olhos pretos para chupá-los tal qual a fruta e a constatação de que, na realidade, ele possuía os olhos azuis), a voluntária atribuiu os seguintes sentidos: *olhos azuis* – “*iguais aos meus*”, *olho de vidro* – “*meu filho tem um olho de vidro*” e *jabuticaba* – “*gosto muito de comer, são tão doces...*”. As situações apresentadas por M.L. (Q. 23/07/12) são, declaradamente, relativas às suas experiências e intensificam-se quando para as palavras *lágrimas* e *formiga* adiciona, respectivamente, “já chorei muitas, agora não mais” e “tem na minha cozinha no açúcar”. Qualquer juízo de valor do autor foi negligenciado pela participante, pois no movimento de identificação ela recorreu exclusivamente às suas convicções pessoais.

Durante a leitura e aplicação dos questionários no dia 05 de agosto de 2012, identifiquei um fato novo: duas voluntárias apareceram com um pedaço de papel (rascunho) para anotarem – durante o procedimento – algumas palavras que poderiam ser destacadas. Refiro-me ao fato como novo por ter aplicado, nas semanas anteriores, uma metodologia que consistia em ler e, somente depois, entregar os questionários. Acredito que nessa ação de antecipação, por parte das duas senhoras, possam ter acontecido algumas alterações na maneira das voluntárias conduzirem seus pensamentos e colocá-los no papel, porém, não cabe

aqui uma análise sobre tal resultado. Esse encontro também foi marcado por uma manifestação coletiva diante do trecho lido nesta data. É que, em determinado momento, Queirós faz um apanhado dos familiares – filhos e filhas de seus avós maternos – e uma das mencionadas tem o mesmo nome de uma das voluntárias: “Diva namorou todos os rapazes da cidade. Bonita, cabelos longos e pele morena, em casa passava todos os momentos de frente para o espelho”. Os atributos dados a Diva é que foi o motivo de agitação no grupo e, por isso, esta personagem foi citada seis vezes nos questionários. Os termos *filhos*, *velório*, *fases da lua*, *livros* e *tios*, foram elencados por B.A.R. (Q. 06/08/12), conferindo-lhes valores que independiam do contexto trazido pela obra. Para *filhos* descreveu: “*frutos da união de casais que se amam, ou não*”; para *velório*: “*momento de tristeza, despedida, adeus...*”; para *fases da lua*: “*acontece a cada mês que são em número de quatro*”; para *livros*: “*Amigo, conselheiro e companheiro de todas as horas*” e para *tios*: “*Fazem parte da nossa família. Irmão da mãe ou do pai a quem respeitamos e amamos*”.

A associada V.M.T. (Q. 06/08/12), após o término da leitura e já com o questionário respondido, me procurou para explicar as palavras *arco-íris* e *correio*, transpostas por ela para o papel. Na ocasião escreveu, “*Cores que si forma no céu fazendo maravilhas*” (referente à *arco-íris*) e “*que leva cartas e notícias*” (referente à *correio*). Porém, em sua explicação, trouxe elementos das suas reminiscências, relatando que enquanto seu filho estudava para padre ela esperava as cartas chegarem e que *arco-íris* lembrava a sua infância. Aqui há, nitidamente, uma mistura de protomemória e de memória de alto nível, ou seja, a junção da memória habitual com aquela que carece de recursos e dispositivos que acionem lembranças.

Essa última instância [memória de alto nível] é essencialmente uma memória de recordação ou reconhecimento: evocação deliberada ou invocação involuntária de lembranças autobiográficas ou pertencentes a uma memória enciclopédica (saberes, crenças, sensações, sentimentos etc.) (CANDAUI, op.cit. p.23)

Nos encontros posteriores dois grandes destaques da narrativa de Queirós foram a descrição da profissão do pai caminhoneiro e o sonho tido pelo avô de haver avistado uma árvore que, num primeiro momento parecia estar carregada de frutas, mas que não passavam de borboletas. Para o substantivo *caminhoneiro* a voluntária

M.A.P. (Q. 15/10/12) destacou a responsabilidade de alguns caminhoneiros que estão ao seu redor, enquanto D.C. (Q. 15/10/12) afirmou que “*viaja pelas estradas perigosas*”. Enquanto a primeira relata algo que está muito próximo da sua realidade, a segunda define o profissional por uma de suas características, mantendo certa imparcialidade. A passagem do avô e das borboletas foi marcada por V.M.T. (Q. 15/10/12), que associou a palavra *borboletas* com “*que enfeitam os jardins da cidade Bom Destino*”. Ao estabelecer essa associação, a voluntária agrega elementos imagéticos ao texto, pois o autor não relata a presença de um jardim e nem conota a função de adorno para as borboletas.

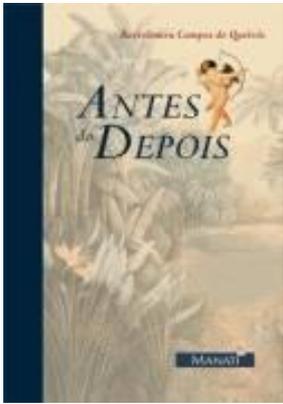
Antes de qualquer apanhado geral sobre os dados relevantes à leitura da obra, quero registrar a participação da associada G.N., que pouco se fez presente, mas, nas vezes em que ouviu a história, quebrou o protocolo estabelecido pela metodologia e fez questão de registrar suas impressões. Em sua primeira participação ela reproduz – no questionário - uma descrição feita pelo autor sobre a cidade *Bom Destino* e, em seguida, registra: “*Quantas lembranças tão lindas e quanta poesia. Obrigado.*” (G.N. – Q. 15/10/2012). E no último encontro que realizei com o grupo para a leitura dessa obra, ela adiciona à palavra *saudade* a seguinte fala: “*meu avô ou melhor o avô do autor, se foi, só lembranças ficaram*” (G.N. – Q. 29/10/2012). O conflito na hora do registro entre o avô da voluntária e o avô do autor demonstra a linha tênue entre as reminiscências do narrador e as de seu receptor. Afirmando tal impressão por ter conversado algumas vezes com essa senhora e por ela ter me relatado que lembrava muito do seu avô enquanto ouvia a história.

O enredo de Bartolomeu Campos de Queirós rompe a barreira da simples narrativa, abrindo espaços para as intervenções do leitor. Entendo que enquanto literatura autobiográfica, o autor se apropriou de uma linguagem específica, dimensionando o entendimento sobre a história do menino e de seu avô materno. Ao se colocar na primeira pessoa e de forma possessiva (*meu avô*), a obra assume um tom confessional e, indiretamente, convida o leitor a compactuar com a história que será contada. Também os vocábulos, selecionados pelas senhoras durante o percurso e aqui analisados por mim, dialogam com a estrutura narrativa da autobiografia. Termos como mãe, netos, vó, velório, filho, tios são oriundos de movimentos de generalização, ou seja, são cotidianos nas vivências dos sujeitos e, por isso, na maioria dos casos aqui registrados não ultrapassam as fronteiras da

realidade, sendo descritas por banalizadas definições. Acredito que a limitação de tais descrições esteja relacionada às suas estruturas institucionalizadas, portanto, carregadas de valores e papéis sociais bem definidos. Em oposição a essa limitação apareceram palavras como galo, lágrimas e borboleta, que receberam atribuições lúdicas e poéticas. Um galo que é associado à infância, as lágrimas que lavam a alma e as borboletas que enfeitam os jardins.

As palavras aqui apresentadas não podem – de forma alguma – trazer generalizações à forma de se entender a literatura autobiográfica, mas sua análise possibilita o entendimento do elo existente entre os termos elencados e o acionamento de reminiscências. Os substantivos e os adjetivos utilizados por Bartolomeu Campos de Queirós - juntamente com sua prosa-poética – abriram caminhos no despertar das lembranças das Senhoras Solidárias através do contato com *O olho de vidro do meu avô* (2004).

4.2 Antes do depois

	<p style="text-align: right;">Antes do depois (Manati, 2006)</p> <p>O enredo é centrado na narrativa da vida de um menino que, através de elementos sagrados e profanos reconstrói sua condição familiar e social. A importância dada pelo autor para o núcleo genealógico, e às influências herdadas desse, possibilita ao enredo a consagração de uma escrita memorialista. É pelo viés da descrição de seu batizado que Bartolomeu Campos de Queirós apresenta ao leitor suas concepções sobre o passado e o presente.</p>
---	--

Fonte: o autor

A prosa poética de Bartolomeu Campos de Queirós assegura ao enredo de *Antes do depois* (2006) a sua qualidade literária, o que possibilita o prazer da leitura. Nessa obra, as percepções sociais e representações coletivas ficam mais evidentes, pois os personagens – membros da família, amigos, vizinhos e o próprio narrador – estão relacionados a instituições que estabelecem regras e modelos organizacionais. Alguns indícios, como a forte influência do pensamento religioso (nesse caso a Igreja Católica) e das regras impostas por um pensamento militar,

delimitam um tempo à obra. É o período referente ao Brasil após as eleições de Getúlio Vargas, em que o rádio está em ascensão e a Voz do Brasil se impõe nos lares dos quatro cantos do país.

Mas a trama não se limita às narrativas episódicas ou fatuais da vida de Bartolomeu Campos de Queirós e, ainda que o seu batismo seja o alicerce da obra, ele o trata de forma tênue, irreverente e saudosista. Para iniciar sua autobiografia, o autor utiliza um recurso bastante interessante: “Nasci com 57 anos. Hoje, tenho 118. Foi em agosto, diziam, mês de vento e desgosto.” (p.9). Ele apresenta ao leitor a ideia de que cada indivíduo é fruto de uma soma, resultante das vivências de um pai e de uma mãe. A história se desenrola em torno dos preparativos para a consagração do seu batizado.

A leitura e o preenchimento dos questionários referentes a esse título pelas senhoras da Associação aconteceram entre os dias 19 de novembro e 10 de dezembro de 2012, sendo necessários quatro (04) encontros.

Portanto a divisão ficou da seguinte forma:

- 1º. Encontro (19/11/2012): apresentação do livro (capa, autor, editora, ano) até a página 13.
- 2º. Encontro (26/11/2012): página 13 até página 20.
- 3º. Encontro (03/12/2012): página 21 até página 27.
- 4º. Encontro (10/12/2012): página 28 até página 46.

Durante a análise dos questionários pude elucidar através das descrições colocadas no papel, algumas associações feitas pelas voluntárias (referentes à suas memórias individuais e suas representações coletivas) e as percepções do autor com relação à sua realidade. Afirmando ainda que a inserção dos personagens de Queirós nas instituições religiosa e familiar acionou nas senhoras relações de pertencimento, ou seja, o sentimento de possuir um papel social. Para ilustrar esse pensamento reproduzo as descrições de algumas voluntárias atribuídas à família.

O substantivo mãe não foi escolhido apenas uma vez como uma palavra que recebesse descrição ao lado, porém, ele foi manifestado quando relacionado a outros termos:

- *Arroz-doce* (B.A.R.: Q. 26/11/12): “*combinação do doce e do salgado. Impossível não saborear. Mamãe tbém fazia.*”;

- *Cozinhar* (C.M.S.L.: Q. 26/11/12): “*algo que herdei da minha mãe e conservo até hoje (adoro ver todos a mesa, comendo com alegria o que faço)*”;
- *Mãe fada* (C.M.S.L.: Q. 03/12/12): “*é o que era minha mãe, levitando em volta da gente como borboleta.*”;
- *Enxoval de batizado* (C.M.S.L.: Q. 03/12/12): “*minha mãe (que saudade...), tricotou o enxoval dos meus netos com mto carinho.*”.

A representação da mãe pelas voluntárias está associada aos fazeres doméstico e à doçura. É importante ressaltar que o autor também adjetiva a mulher (principalmente a figura materna) a essa condição, portanto, a delimitação reproduzida nos exemplos acima é plausível. A faixa etária das voluntárias, o contexto (período) em que foram criadas e as atividades desenvolvidas na Associação das Senhoras Solidárias (assistencialismo e solidariedade) contribuem com essa visão mais passiva da figura feminina.

O contato com os termos *pardais* e *mãe fada* provocaram, nas respostas de duas voluntárias, percepções lúdicas que foram registradas da seguinte maneira: “*Todos os dias ouço os pardais cantando debaixo das telhas da minha casa que mais parece uma sinfonia.*” (V.M.T.: Q. 03/12/12) para *pardais* e “*é o que era minha mãe, levitando em volta da gente como borboleta*” (C.M.S.L.: Q. 03/12/12) para *mãe fada*). A metáfora foi o recurso utilizado para dar uma percepção poética e simplificada da vida.

Ainda referente à palavra mãe, destaco um momento bastante interessante, quando da leitura da frase “*Minha mãe engolia um copo de cerveja preta para aumentar o leite.*” (P.12). A leitura foi interrompida pelos comentários de vários membros do grupo que, através de causos e vivências, legitimaram a ação descrita pelo autor. Eu havia escutado a minha avó contar sobre essa crendice, mas ali ficou evidente a sua eficácia. A identificação do grupo com a oração foi estabelecida através da ação generalizadora – típica da narrativa autobiográfica -, despertada pelo conhecimento de um fazer comum: tomar cerveja preta para uma amamentação mais eficaz. Essa ideia de pertencimento e coletividade também foi despertada após a leitura do trecho que diz: “*Só cortei o corredor da igreja quando fiz a primeira comunhão, e cantando: **Com minha Mãe estarei / Na santa glória, um dia / Junto da Virgem Maria / No céu triunfarei!***” (p.27). A parte grifada por mim, um hino da Igreja Católica, foi identificada pelas senhoras e cantada até que a música chegasse ao fim.

Nos casos citados no parágrafo anterior, acontecem a transmutação da autobiografia em heterobiografia¹⁷, que é caracterizada por uma vivência do narrador (ou de seu conhecimento), mas também experimentada por outros, pois faz parte de um entendimento social. Ao descrever todo o cotidiano, a estrutura e os atores sociais que estão no seu entorno, o narrador autobiográfico também está dando voz ao outro.

Para finalizar, destaco a presença da palavra *bordado* por três das sete voluntárias presentes nesse último momento. Penso ser relevante por se tratar de uma das práticas realizadas pelas senhoras durante os encontros semanais na sede da associação e, possivelmente, elencados por elas pela aproximação com a sua realidade:

- C.M.S.L. (Q. 03/12/12): *“todos aprendidos com amor e que levarei até o fim dos meus dias esse aprendizado.”*;
- V.M.T. (Q. 03/12/12): *“Lembra a minha vó bordando meu enxoval e o enxoval da minha irmã.”*;
- B.A.R. (Q. 03/12/12): *“passatempo para os idosos principalmente para mim. Não me faz ser inútil no dia a dia.”*

É importante elucidar que os registros analisados por mim nessa etapa são aqueles relacionados às vivências das voluntárias, ou seja, palavras apresentadas que representam questões pessoais ou de grupo. A amostragem não possibilita uma visão ampla de todos os termos e descrições registradas nos questionários. Ela está limitada à seleção de posturas que condizem com o fazer extensivo após o contato com a leitura das obras. Por não fazerem parte da proposta desta discussão, preferi omitir todos os casos em que as senhoras apenas reproduziram as descrições do autor¹⁸.

Assim, é possível perceber que, embora as descrições feitas não deem a dimensão de uma estrutura complexa da realidade vivida por cada uma das envolvidas na pesquisa, elas saíram do senso comum e, em alguns momentos, elaboraram pareceres condizentes à suas expectativas e experiências. Dessa forma entendo que o contato das Senhoras Solidárias com a literatura autobiográfica

¹⁷ CANDIDO, op.cit., p.67.

¹⁸ Para uma noção mais geral dos dados coletados, verificar os questionários nos anexos.

possibilitou um grau representativo de composições da estrutura proposta por Queirós, pois repertórios de vivências singulares foram somados ao enredo original.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Do meu batizado ficou minha união com o céu e uma certidão que ainda não usei. Guardo em uma pasta junto com meu diploma de primeira comunhão. E vez em quando passo os olhos nela e minha memória acorda e confirma que estive mesmo presente em meu batizado. Não sei se vou precisar da certidão algum dia. Com 118 anos é difícil encontrar uma noiva. Quando fui servidor público me pediram todos os tipos de documentos: carteira de identidade, título de eleitor, carteira de trabalho, comprovante de residência, atestado de bons antecedentes, cópia do CPF e do número do PIS/PASEP, atestado de reservista, tipo sanguíneo, atestado de saúde, três retratos. Só não pediram certidão de batismo. (QUEIRÓS, 2006, p.46)

Quando no início dessa escrita me propus a construir uma amostragem cronológica da narrativa autobiográfica (ainda que limitada) e estabelecer um parâmetro conceitual sobre algumas características desse gênero literário, uma das questões levantadas estava relacionada à valorização da literatura enquanto patrimônio. Partindo dessa premissa, recorri a autores que me disponibilizassem argumentos, para a sustentação de que nos discursos literários encontram-se, também, lugares de memória. Na eminência do diálogo entre a materialidade e a imaterialidade, afirmo que, assim como outros tipos de acervos, a literatura proporciona a interação entre a certificação da vivência escrita e aquilo que está guardado pela memória dos indivíduos. Os pareceres sobre narrativas literárias, quando estudados minuciosamente, conotam a mesma importância de um registro oral diante de um objeto ao qual é atribuído valor histórico.

Nas produções literárias que se utilizam da memória como estrutura textual, a ideia é a de um narrador que discorre seus relatos mnemônicos partindo de uma realidade atualizada. É através do olhar do adulto que ele reconta e reinventa suas vivências. A autobiografia pode traduzir aspectos condizentes a uma veracidade, mas também pode – ao passar pelo caráter literário – tomar dimensões que oscilam com a fantasia. Ainda que, como no caso das obras de reminiscências de Bartolomeu Campos de Queirós, a linguagem poética esteja muito presente, ela pode ser lida como documento histórico e ficção. São produções datadas e certificadas por contextos históricos reveladores de discursos coletivos.

Nos dizeres e nas reações do leitor, também se pode encontrar o patrimônio intangível ou representações sobre determinados acontecimentos. A noção de pertencimento a uma determinada comunidade ou o simples fato de se ter

experiências singulares a serem contadas, são projeções realizadas pelos receptores nas entrelinhas das escritas do autor.

A família e a instituição religiosa, eixos norteadores dos enredos de *O olho de vidro do meu avô* (2004) e de *Antes do depois* (2006), em muito contribuíram para que as voluntárias se apropriassem de determinadas terminologias, dando-lhes novos sentidos. Dos movimentos de alteridade surgiram possibilidades de identificação e, ao dar significados aos referentes das obras, elas resgataram conceitos e atribuíram valores às histórias de Queirós. Foram inúmeros os casos em que apenas reproduziram as falas do autor ou se limitaram a descrever definições pré-concebidas pelo senso comum. Esses casos podem ter ocorrido pelo simples fato de não estabelecerem uma imersão poética na narrativa (poiésis) ou pelo conhecimento da aplicação do questionário e a insegurança resultante desse processo.

A análise das palavras e das situações descritas pelas senhoras me permitem estabelecer um entendimento de que, na maioria dos casos, elas se aproximaram da experiência da *aisthesis*. Essa afirmativa está baseada na ideia de que algumas situações trazidas pelos textos foram identificadas, mas sem maiores resultados. Possivelmente, se eu tivesse proposto para que cada uma delas – ao final da leitura da obra – reescrevesse a história ouvida, o desfecho fosse diferente.

Mas, de qualquer forma, reitero meu pensamento através da epígrafe escolhida para a abertura dessas considerações, destacando que o que ficou do batismo de Queirós foi muito mais do que a certidão ou documentos que comprovassem a realização do sacramento. Foi a assimilação daquilo que lhe transmitiram oralmente (ou pela sua compilação inventiva).

A prática da leitura para as mulheres da Associação das Senhoras Solidárias da cidade de Barra Velha – SC, além de elucidar e corroborar a ideia de que as narrativas literárias apresentam estruturas que convidam o leitor a ressignificar seu conteúdo, me possibilitou inferir nos fazeres daquele grupo através da sensibilização para a leitura. Enquanto a alguns termos conferiram uma extensão poética, a outros declararam seus amores e percepções. Esse movimento, de reconhecimento, já se traduziu num legado importante para essa pesquisa, pois acionou recordações que foram manifestadas em gestos e palavras.

Não venho, através dessa dissertação, apresentar resultados conclusivos, mas uma abertura para futuras pesquisas que apresentem a literatura autobiográfica como temática a ser revisitada e passível de olhares múltiplos. Tem-se, ainda, outras tantas histórias para serem investigadas através do contato com as escritas mnemônicas: as dos homens, as dos jovens, as das crianças...

REFERÊNCIAS

Bibliografia Teórica

AMORIM, Orlando N. O desvio autobiográfico em Sinais de fogo, de Jorge de Sena. In: NIGRO, Cláudia M. C., BUSATO, Susanna e AMORIM, Orlando N. (orgs). **Literatura e representações do eu: Impressões autobiográficas**. São Paulo: UNESP, 2010.

CAGNETI, Sueli de Souza. **Uma história de tantas histórias**. Florianópolis: Letras Brasileiras, 2009.

CAMARGO, Luís Hellmeister de. **Encurtando o caminho entre texto e ilustração: homenagem a Angela Lago**. Tese de Doutorado / UNICAMP. Disponível em <http://cutter.unicamp.br/document/?code=vtls000382760> (acesso em 21/05/2011)

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.

CANDIDO, Antônio. **A educação pela noite**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

FONSECA, Maria C. L. Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (orgs.). **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. 2.ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

ISER, Wolfgang. A interação do texto com o leitor. In: LIMA, Luiz Costa (org.). **A Literatura e o leitor: textos de estética da recepção**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

JAUSS, Hans Robert. O prazer estético e as experiências fundamentais da poiesis, aisthesis e katharsis. In: _____. **A Literatura e o leitor: textos de estética da recepção**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: A problemática dos lugares. Tradução de Yara AunKhoury. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

POLLAK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n.3, 1989.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. **O fio da palavra**. Rio de Janeiro: Galera Record, 2012a.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. **Sobre ler, escrever e outros diálogos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012b.

SANT'ANNA, Marcia. A face imaterial do patrimônio cultural: os novos instrumentos de reconhecimento e valorização. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (orgs.). **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. 2 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009

TEZZA, Cristovão. **O espírito da prosa: uma autobiografia literária**. Rio de Janeiro: Record, 2012.

Bibliografia Literária

AGOSTINHO, St. **Confissões**. 2 ed. Trad. J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. São Paulo: Nova Cultural, 1980. (Coleção Os pensadores).

ASSIS, Machado. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. 4 ed. São Paulo: Editora Abril, 2010. (Clássicos Abril Coleções; v.5)

BARROS, Manoel. **Livro sobre nada**. Rio de Janeiro: Record, 1996.

LOBATO, Monteiro. **Memórias de Emília**. 42 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PRADO, Adélia. **Bagagem**. 31. ed. Rio de Janeiro: Record, 2011.

TEZZA, Cristovão. **O filho eterno**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

Bibliografia Bartolomeu Campos de Queirós

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. **A árvore**. São Paulo: Paulinas, 2010.

_____. **ABC... até Z!** São Paulo: Larouse, 2009.

_____. **Ah! Mar...** Belo Horizonte: RHJ, 2007.

_____. **Antes do Depois**. Rio de Janeiro: Manati, 2006.

_____. **Ciganos**. São Paulo: Global, 2004.

_____. **Diário de classe**. São Paulo: Moderna, 2003.

_____. **Ler, escrever e fazer conta de cabeça**. São Paulo: Global, 2004.

_____. **O olho de vidro do meu avô**. São Paulo: Moderna, 2004.

_____. **O peixe e o pássaro**. Belo Horizonte : Miguilim, 1971.

_____. **Por parte de pai**. Belo Horizonte: RHJ, 1995.

_____. **Raul luar**. São Paulo: Saraiva, 2007.

_____. **Vermelho Amargo**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

Bibliografia Consultada

BARTHES, Roland. **O Prazer do Texto**. Trad. J. Guinsburg. 4. ed. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1973.

BOSI, Eclea. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

_____. **O tempo vivo da Memória**. Ensaio de psicologia Social. 2. ed. São Paulo: Editorial, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas**. Trad. Alfredo Veiga-Neto. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LE GOFF, Jacques. **A História Nova**. São Paulo: Martins Editora, 1992.

LIMA, Luiz Costa (org.). **A Literatura e o leitor: textos de estética da recepção**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

MINAYO, Maria Cecília de S. e SANCHES, Odécio. Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade? **Cadernos de Saúde Pública**. Rio de Janeiro, v.9, n.3, jul/set.1993.

OLIVEIRA, Maria L. Simões de. **A Língua e o discurso da memória em Bartolomeu Campos de Queirós**. Belo Horizonte: Miguilim, 2003.

ZILBERMAN, R. **Estética da recepção e história da literatura**. São Paulo: Ática, 1989.

YUNES, Eliana. **Tecendo um leitor: uma rede de fios cruzados**. Curitiba: Aymar, 2009.

APÊNDICE

Modelo Questionário..... 66

ANEXO

Termo Comitê de Ética	68
Lista do conjunto de obras Bartolomeu Campos de Queirós	69
Questionários	70

FUNDAÇÃO EDUCACIONAL DA REGIÃO DE JOINVILLE - FURJ
UNIVERSIDADE DA REGIÃO DE JOINVILLE



Joinville, 20 de dezembro de 2011

OFÍCIO N.º 349/2011 - PRPPG/ CEP

Para Prof. Silvio Leandro da Silva
Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade
UNIVILLE

ASSUNTO: Parecer Processo nº 130/2011

O Projeto de pesquisa intitulado "**LITERATURA MNEMÔNICA: O EU MEMORÍSTICO DA BARTOLOMEU CAMPOS DE QUEIRÓS E AS REMINISCÊNCIAS DO LEITOR**" e seu Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, de sua responsabilidade, foram **APROVADOS** pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UNIVILLE, após terem sido analisados e verificados que atendem plenamente aos parâmetros descritos na Res. CNS 196/96 e complementares, e Res. 19/07 CEP/UNIVILLE, conforme parecer em anexo.

Lembramos que, ao finalizar a pesquisa, deverá ser encaminhado ao CEP/UNIVILLE o relatório final.

Atenciosamente,

Eleide Abril Gordon Findlay

Presidente do Comitê de Ética em Pesquisa da UNIVILLE

Página 1 de 5

Campus Joinville
Rua Paulo Malschitzki nº 10 - Zona Industrial
CEP. 89219-710 - Joinville/SC
Fone: (47) 3461-9000 - Fax: (47) 3473-0131
www.univille.br

Unidade Centro - Joinville
Rua Ministro Calógeras, 437 - Centro
CEP 89202-207 - Joinville/SC
Fone: (47) 3422-3021

Unidade São Francisco do Sul
Rodovia Duque de Caxias Km 8 Poste 128 - Iperoba
CEP. 89.240-000 - São Francisco do Sul/SC
Telefone: (47) 3442-2577

Campus São Bento do Sul
R. Norberto Eduardo Weiermann, 230 - Colonial
Caixa Postal 41 - CEP. 89290-000 - São Bento do Sul/SC
Telefone: (47) 3631-9100

Lista da obra completa do autor

ANOS 70

O peixe e o pássaro. Migulim, 1971. Editora atual: Saravá.

Pedro. Migulim, 1973. Editora atual: Global.

Raul - Luar. Allis, 1978. Editora atual: RHJ.

Onde tem bruxa tem fada. Moderna, 1979

ANOS 80

Ciganos. Migulim, 1982. Editora atual: Global.

Mário ou de pedras, conchas e sementes. Migulim, 1983. Editora atual: Global.

Ah! Mar... Quinteto, 1985. Editora atual: RHJ.

As patas da vaca. Migulim, 1985. Editora atual: Global.

Cavaleiros das sete luas. Migulim, 1986. Editora atual: Global.

Coração não toma sol. FTD, 1986

Estória em 3 atos. Migulim, 1986. Editora atual: Global

Correspondência. Migulim, 1986. Editora atual: RHJ

Pintinhos e pintinhas. FTD, 1986

Apontamentos. Formato, 1988

Papo de Pato. Formato, 1989

Indez. Migulim, 1989. Editora atual: Global

ANOS 90

Escritura. Quinteto, 1990. Editora atual: Mazza

Minerações. RHJ, 1991

Faca afiada. Moderna, 1992

Diário de classe. Moderna, 1992

Por parte de pai. RHJ, 1995

Ler, escrever e fazer conta de cabeça. Migulim, 1996. Editora atual: Global

ANOS 2000

Rosa dos ventos. Migulim, 2000. Editora atual: Global

Bichos... são todos bichos. Brasil, 2001

De não em não. Migulim, 2001. Editora atual: Global

Flora. Migulim, 2001. Editora atual: Global

Os cinco sentidos. Migulim, 2002. Editora atual: Global

Mais com mais dá menos. RHJ, 2002

A Matinta Perera. FTD, 2002

Olhar de bichos. Dimensão, 2002

Polho. RHJ, 2003

Menino de Belém. Moderna, 2003

Vida e obra de Aletrícia depois de Zoroastro. Moderna, 2003

Rosa e Rosa. Franco, 2003

Até passarinho passa. Moderna, 2003

Para criar passarinho. Migulim, 2004. Editora atual: Global

O olho de vidro do meu avô. Moderna, 2004

Entretantos. Conselho Regional de Psicologia, 2004

O guarda-chuva do guarda. Moderna, 2004

Pato pacato. Moderna, 2004

De letra em letra. Moderna, 2004

Formiga amiga. Moderna, 2004

Pé de sapo e sapato de pato. Brasil, 2004

Somos todos igualzinhos. Global, 2005

Sem palmeira ou sabiá. Pirópolis, 2006

Antes do depois. Manati, 2006

Para ler em silêncio. Moderna, 2007

Sei por ouvir dizer. Edelbra, 2007

O ovo e o anjo. Global, 2007

Foi assim... Moderna, 2008

Anacleto. Larousse, 2008

Menino inteiro. Global, 2009

Tempo de voo. Edições SM, 2009

Nascemos livres. SM, 2009

O livro de Ana. Global, 2009

ABC até Z. Larousse, 2009

ANOS 2010

Isso não é um elefante. Alacarte, 2010

A árvore. Paulinas, 2010

Vermelho amargo. Cosac Naify, 2011

O fio da palavra. Galeria Record, 2012

Livros traduzidos

• **Nest egg (Indez).** A Groundwood Book, Douglas L. McIntyre.

Vancouver – Toronto – Canada, 1992. (inglês)

• **Las patas de la vaca (As patas da vaca)**

México: Libros del Rincón, 1992. (castelhano)

• **Skrukaeg (Indez)**

Dinamarca: Gyldendal, 1992. (dinamarquês)

• **Por parte de pa (Por parte de pai)**

México: Fondo de Cultura

Econômico, 1998. (castelhano)

• **El ojo de vidrio de mi abuelo (O olho de vidro do meu avô)**

Bogotá Babel, 2004. (castelhano)

• **Leer, escribir y hacer cuentas de memoria**

(Ler, escrever e fazer contas de cabeça)

São Paulo: Global, 2006. (castelhano)

• **Dicen por ahí (Sei por ouvir dizer)**

México: SM, 2007. (castelhano)

• **Tiempo de vuelo (Tempo de voo)**

México: SM, 2009. (castelhano)

• **Dis-moi le temps (Tempo de voo)**

France: Le Sorbier, 2009. (francês)

Questionários

O olho de vidro do meu avô (2004)

QUESTIONÁRIOS REFERENTES AO DIA: 02 de julho de 2012	71
QUESTIONÁRIOS REFERENTES AO DIA: 23 de julho de 2012	78
QUESTIONÁRIOS REFERENTES AO DIA: 06 de agosto de 2012	88
QUESTIONÁRIOS REFERENTES AO DIA: 15 de outubro de 2012	94
QUESTIONÁRIOS REFERENTES AO DIA: 29 de outubro de 2012	99

Antes do depois (2006)

QUESTIONÁRIOS REFERENTES AO DIA: 19 de novembro de 2012	104
QUESTIONÁRIOS REFERENTES AO DIA: 26 de novembro de 2012	107
QUESTIONÁRIOS REFERENTES AO DIA: 03 de dezembro de 2012	112
QUESTIONÁRIOS REFERENTES AO DIA: 10 de dezembro de 2012	116

QUESTIONÁRIOS REFERENTES AO DIA: 02 de julho de 2012

A.F.G. (Q. 02/07/12)

1. Escreva cinco (05) palavras que lhe chamaram a atenção no texto lido.

① pirrada ② olho de vidro

2. Ao lado das palavras escritas por você descreva uma situação.

~~pirrada~~ ~~olho de vidro~~
 ① de foi da fada pirrada que ia
 ② para reser com o
olha a luz
reioya mio acada so lingua

SEM IDENTIFICAÇÃO

1. Escreva cinco (05) palavras que lhe chamaram a atenção no texto lido.

buseo o olho em São Paulo, mar,
perfume de salha pirata, lado direito.
esquerda.

2. Ao lado das palavras escritas por você descreva uma situação.

B.A.R. (Q. 02/07/12)

1. Escreva cinco (05) palavras que lhe chamaram a atenção no texto lido.

³ olho de vidro _____ ⁵ São Paulo _____
⁴ pirata _____ ² imaginação _____
 _____ ² mar _____

2. Ao lado das palavras escritas por você descreva uma situação.

olho de vidro: medo de pessoas que tinham esse tipo de visão

Imaginação: Pensamento vai longe onde ao vivo não consegue

São Paulo: Cidade onde se encontra de tudo inclusive olho de vidro.

Pirata: Conheci do filme pirata do Caribe onde gente que faz o mal.

Mar: Imensidão, sinto-me minúscula diante

D.B. (Q. 02/07/12)

1. Escreva cinco (05) palavras que lhe chamaram a atenção no texto lido.

² mar _____ ⁴ pirata _____
³ olho de vidro _____ ⁵ zorollo _____
 _____ ¹ imaginação _____

2. Ao lado das palavras escritas por você descreva uma situação.

mar - grande extensão de água - linda - com muita vida

olho de vidro - falta causada por grave doença

pirata - assaltante de alto mar

zorollo - pessoa com um olho só, tendo outro furado

imaginação - a mente à procura de fatos

L.S. (Q. 02/07/12)

1. Escreva cinco (05) palavras que lhe chamaram a atenção no texto lido.

Zarinho, Birata, Luz Sol, Louca
São Paulo, caminho¹

2. Ao lado das palavras escritas por você descreva uma situação.

Ele falou que o avô, vivia com o
alho de riolo na escuridão.
Ele falou também que fez a fantasia
de Birata para ficar igual o avô

M.E. (Q. 02/07/12)

1. Escreva cinco (05) palavras que lhe chamaram a atenção no texto lido.

Olho de Vidro, Curo,
Mantanha, Mãe Viagem,
Neto

2. Ao lado das palavras escritas por você descreva uma situação.

Olho de Vidro não atrapalhava ele em nada
Avô - Era um grande amigo do seu neto.
Mantanha - Imaginava as lindas montanhas
Viagem - Ele podia viajar nas imaginações
mesmo em um lugar com o olho de vidro.
Neto - Ele adorava o avô.

M.L. (Q. 02/07/12)

1. * olho - fui ao oculista e disse q precisava operar e
visti - não operi e enxergo melhor que antes.
2. * coragem - tive sempre coragem de costura não fiz curso
e fui costureira de grande classe fogueira.
3. * inteligência - a minha inteligência serve p/ tudo: engenharia,
costureira, dona de casa e família (criei 04 filhos)
4. * pai - meu pai foi muito felizido, criou 4 filhos, morreu
com 68 e os filhos queriam ele ainda vivo.
5. * filhos - tive 4 filhos um meu maravilho p o outro
foi casado e 7 netos e 6 bisnetos

M.S. (Q. 02/07/12)

Olho de vidro - ele não enxergava / já fui operado
neto - tenho 8 netos / cada um tem o pensamento diferente / tenho o pai do
mãe - delicada, ser mãe, avô, bisavô é difícil /
avô - gostava de fazer as vontades do neto, deixava cada filho fazer
São Paulo: um filho
passa ser de
uma cidade grande, cidade promissora,
enorme, não conheço muito só de
passagem.

O.R.C.O. (Q. 02/07/12)

Pirata - achei muito interessante o menino
fazer questão de ficar vestido de pirata, sem tirar
a venda, para ficar tudo a sensar, do olhar do avô
Olhav - O menino ficava na frente do avô para o
olhar do avô ficar paralelo.
mar - Com o olho de vidro, o avô podia ima-
ginar muitas coisas sobre o mar e com o olho
normal via tanta beleza.
São Paulo - legal o menino pensar que:
como poderia haver uma fábrica de olhos que
não via

R.D.V.S. (Q. 02/07/12)

1. Escreva **cinco (05) palavras** que lhe chamaram a atenção no texto lido.

São Paulo Olho de vidro
 Zorolho Pirata
 Perfume

2. Ao lado das palavras escritas por você **descreva uma situação.**

1 São Paulo - viagem que durava muito
 2 Olho - não sabia que comprava
 3 Zorolho - expressão n conhecida
 4 Pirata - Fantasia p/ disfarce
 5 Perfume - lembra a flor Salvia

R.S. (Q. 02/07/12)

1. Escreva **cinco (05) palavras** que lhe chamaram a atenção no texto lido.

São Paulo olho vidro
 netos vô
 mãe

2. Ao lado das palavras escritas por você **descreva uma situação.**

São Paulo uma cidade que de muitos recursos
 olho vidro quando pequenos tinham muito receio
 netos tenho 3 netas maravilhosas.
 vô amo muito a minha vô
 mãe a pessoa mais maravilhosa que
 a pessoa pode ter.

S. (Q. 02/07/12)

2. Ao lado das palavras escritas por você **descreva uma situação.**

Zoragho escutei essa palavra a poucos dias em Novela
 Piratas fantasia de criança
 Mar como seria o mar para quem nunca conheceu
 montanhas - lembrei de montanhas do Chile, sem verde.
 Olho de vidro - Usei a imaginação para ver as
 coisas lindas.

U.H.R. (Q. 02/07/12)

1. Escreva **cinco (05) palavras** que lhe chamaram a atenção no texto lido.

olho, não sabia que comprava, montanhas, alta
 uma pessoa idosa pensou
 S. Paulo - longe

2. Ao lado das palavras escritas por você **descreva uma situação.**

olho - não sabia que comprava.
 uma pessoa idosa.
 montanha numa colina alta
 pensou.
 S. Paulo era longe.

V.M.T. (Q. 02/07/12)

2. Ao lado das palavras escritas por você **descreva uma situação.**

4. Olho de vidro que não vê
- Olho azul era de vidro do avô
2. neto mãe que acompanhava toda a história do avô
4. Farinho que o neto tinha com o avô.
5. verdade que o olho de vidro não enxergava
3. oceano - a imaginação que atravessa oceanos
7. São Paulo - fábrica de olho de vidro impressiona o neto
6. Piratas - que a pessoa do avô usou para disfarce
5. Perfume das flores principalmente da adália -

QUESTIONÁRIOS REFERENTES AO DIA: 23 de julho de 2012

A.F.G. (Q. 23/07/12)

1. Escreva cinco (05) palavras que lhe chamaram a atenção no texto lido e ao lado de cada uma delas descreva uma situação.

- * Sentimento do Avô de ter um olho de vidro ⇒ Ele se sentia com sua alta estima lá em cima por ter um olho de vidro.
- * Curiosidade ⇒ Seu neto se sentia estimulado em descrever as montagens do olho de vidro de seu avô.
- * Alegria ⇒ Seu neto ficava feliz em ver seu avô feliz em ter seu olho de vidro.
- * Doceza ⇒ A formiguinha via uma coisa linda em passear em um olho de vidro.
- * Felicidade ⇒ O avô e o neto se sentiam felizes em ter esta experiência em ter um olho de vidro.

A.M. (Q. 23/07/12)

1. Escreva cinco (05) palavras que lhe chamaram a atenção no texto lido e ao lado de cada uma delas descreva uma situação.

- formiga - pode navegar por lugares lindos
- olho de vidro - nem tudo é como nós achamos
- O mar = é lindo mas certos
- castanho = São tão belos quanto, o preto ou verde
- Pires = Que belo descanso para a maioria das coisas mas para o olho de vidro ele era um lindo berço.

A. (Q. 23/07/12)

1. Escreva cinco (05) palavras que lhe chamaram a atenção no texto lido e ao lado de cada uma delas descreva uma situação.

galo cego de uma oha não deu
se era cego do olho direito ou esquero
formiga apareceu misteriosa e assim
da, desapareceu.
olho sem lagrima e de vidro
O galo não sabia que em São
Paulo tinha olho

B.A.R. (Q. 23/07/12)

1. Escreva cinco (05) palavras que lhe chamaram a atenção no texto lido e ao lado de cada uma delas descreva uma situação.

formiga = A formiga estava dentro do olho
de vidro.

galo = O galo também era cego de um
olho como o avô.

chorava. O olho de vidro do avô ele nunca
notou se corria lágrimas. Se chorava
ou não.

suriso = Ele deseja ver um sorriso no rosto do
avô.

escuro = Para o galo não existia óculos escuro para enganar
as galinhas

C.M.S.L. (Q. 23/07/12)

1. Escreva cinco (05) palavras que lhe chamaram a atenção no texto lido e ao lado de cada uma delas descreva uma situação.

olho - embacado pela catarata (faz muita falta)
galo - lembrança de infância num sítio.
retrato - o que me resta de lembrança do meu marido
lágrimas - lavam a alma dos sofrimentos vividos.
memória - traz os bons e os maus momentos
 que passamos em nossa vida.

D. (Q. 23/07/12)

1. Escreva cinco (05) palavras que lhe chamaram a atenção no texto lido e ao lado de cada uma delas descreva uma situação.

curiosidade do menino
olho de vidro = para tampar o buraco que tinha no vest
 formiga que andava no olho do avô
 felicidade do avô de ter seu olho de vidro
 alto estima do avô

D.M. (Q. 23/07/12)

1. Escreva cinco (05) palavras que lhe chamaram a atenção no texto lido e ao lado de cada uma delas descreva uma situação.

Olhos azuis - iguais aos meus
 olho de vidro - meu filho tem um olho de vidro
 fabulicaba - gosto muito de comer, são tão doces...
 fomeira - tem na minha cozinha, no açúcar
 lágrimas - já chorei muitas, agora não mais.

D.N. (Q. 23/07/12)

1. Escreva cinco (05) palavras que lhe chamaram a atenção no texto lido e ao lado de cada uma delas descreva uma situação.

neto - muito atencioso observando tudo
 fomeira - não fazia rosega no olho
 olho - era de nicho e não sentia nada
 onseu - não pode ser costinho
 a noite - é como o olho esuro ou preto

D.B. (Q. 23/07/12)

1. Escreva cinco (05) palavras que lhe chamaram a atenção no texto lido e ao lado de cada uma delas descreva uma situação.

formiga - passeio pelo olho do arô
 globo - só com um olho via o mundo de
 um lado só
 pires - local p/ guardar o olho
 fotos - fotos na parede que sorriam
 São Paulo - não tinha olho para globo

E.M.C. (Q. 23/07/12)

1. Escreva cinco (05) palavras que lhe chamaram a atenção no texto lido e ao lado de cada uma delas descreva uma situação.

o mundo e o Pires esperanc
 o olho,
 como se sentir abraçado p/ mundo,
 a imaginação de uma criança
 muitas vezes como crianças,
 como chorar e/olho de vidro,
 a dúvida se ia tirar o olho p/
 dormir,

I.D. (Q. 23/07/12)

1. Escreva cinco (05) palavras que lhe chamaram a atenção no texto lido e ao lado de cada uma delas descreva uma situação.

a serra que meu Avô tinha religião
Achei muito interessante

e também o olho do Avô no formigueiro
Aonde serra que está

se ele também tivesse um olho de vidro que
serra que ele faria x

x O galo serra que ele sentia que era o
mundo abraçando ele x

muito carinho e atenção e que a família de avô
era mesmo o Amor

M.L. (Q. 23/07/12)

1. Escreva cinco (05) palavras que lhe chamaram a atenção no texto lido e ao lado de cada uma delas descreva uma situação.

formiga - tem muita formiga ao redor de minha casa.

luz - luz que ilumina / claridade para nós.

olho - admira muito quem tem olho de vidro e
acredita que enxerga.

pai - tenho um bom pai que lembro todos os
dias dele. A história fez lembrar dele.

vô - tenho muita saudade do meu avô e palestra
feita está lembrando dele.

L.S. (Q. 23/07/12)

1. Escreva cinco (05) palavras que lhe chamaram a atenção no texto lido e ao lado de cada uma delas descreva uma situação.

Meu avô não chorava, então eu não sabia
se o alho de vidro tinha lagrima.

Adultério - ele falou que gostaria de comer
as frutas

Famílica, ele falou da família no alho de
vidro, mas ele não sentiu.

Criado mudo, papa feijão ao lado da cama.

Avô era muito triste e calado.

M.A.P. (Q. 23/07/12)

1. Escreva cinco (05) palavras que lhe chamaram a atenção no texto lido e ao lado de cada uma delas descreva uma situação.

família elas carencia as roças e as folhas

Novo não chorava porque ele não tinha motivo

gelo O cantor de lá da Bastava

M.E. (Q. 23/07/12)

1. Escreva cinco (05) palavras que lhe chamaram a atenção no texto lido e ao lado de cada uma delas descreva uma situação.

Olho de Vidro

galo olho de Vidro

A jaboticara ~~na~~ Ele estava debaixo do pé de jaboticara

curiosidade do menino

forniga ~~guia~~

felicidade de olho da arvo.

R.D.V.S. (Q. 23/07/12)

1. Escreva cinco (05) palavras que lhe chamaram a atenção no texto lido e ao lado de cada uma delas descreva uma situação.

Lagrima - Este olho de vidro não chorava,
era sem vida.

Tomim - que andava possendo no
olho de vidro sem ele (vis) perceber

Galo - também era cego de um olho e
nem oculus poderia usar.

Olho de vidro - que não enalargava nem
as dores nem as alegrias

Pires - em cima do crado mudo que
olhava para mim.

R.S. (Q. 23/07/12)

1. Escreva cinco (05) palavras que lhe chamaram a atenção no texto lido e ao lado de cada uma delas descreva uma situação.

passado - a família passado no olho do avô

apud. - como a cor do mar.

neto - viu a família no olho deu vontade de rir

Nô - neto e que o avô era muito amado

Olho de vidro: o seu olho que não chorava

U.H.R. (Q. 23/07/12)

1. Escreva cinco (05) palavras que lhe chamaram a atenção no texto lido e ao lado de cada uma delas descreva uma situação.

família no olho. poderes. no olho

gelo sem olho não tem como comprar

de grama. não tem no olho

primos não do na atenção

foi o espanto

V.M.T. (Q. 23/07/12)

1. Escreva cinco (05) palavras que lhe chamaram a atenção no texto lido e ao lado de cada uma delas descreva uma situação.

jabudicaba - fruta escura e muito gostosa

formiga - que divertia e ao mesmo tempo
fonia

olho de vidro - que empriena a qualquer
pessoa.

pires sobre o oriado mudo pode ser usado
como decoração

lagrima - que rula pelo rosto de felicidade
ou de tristeza.

QUESTIONÁRIOS REFERENTES AO DIA: 06 de agosto de 2012

A.F.G. (Q. 06/08/12)

NOME: _____

1. Escreva cinco (05) palavras que lhe chamaram a atenção no texto lido e ao lado de cada uma delas descreva uma situação.

Olhos azuis - dois olhos limbo mas
 encherava menos que o arco - de que? ^{que}
 as apelido de animais - mostram que eles
 valorizam e de alguma maneira encontram
 qualidades e belezas em nesses animais
 Tereza - prova que p/ encherar um
 olho só basta, seu esposo só
 tinha um -

A. (Q. 06/08/12)

1. Escreva cinco (05) palavras que lhe chamaram a atenção no texto lido e ao lado de cada uma delas descreva uma situação.

Um dos (filho) filhos foi em
 Bora para Baiaba e daí não teve
 mais notícias dele. Última filha era
 a sanlinha queria roubar o coração do
 pai.

B.A.R. (Q. 06/08/12)

1. Escreva cinco (05) palavras que lhe chamaram a atenção no texto lido e ao lado de cada uma delas descreva uma situação.

Filhos - frutos da união de casais que se amam ou não.

velório - momento de tristeza, despedida, adeus...

fases da lua - acontece a cada mês que são em número de quatro.

livros - Amigo, conselheiro e companheiro de todas as horas.

tios = Fazem parte de nossa família. Simão da mãe ou do pai a quem respeitamos e amamos.

D. (Q. 06/08/12)

1. Escreva cinco (05) palavras que lhe chamaram a atenção no texto lido e ao lado de cada uma delas descreva uma situação.

tic-tac - não sei porque tanto relógio em todo comodo da casa

Diva - a mais namorada da cidade era muito linda.

malador de passaros - porque ele matava todos os passaros

Clonse - que foi para o Rio de Janeiro o mar.

livô - ele não conseguia ficar parado, tinha que se manter sempre ocupado.

D.B. (Q. 06/08/12)

1. Escreva cinco (05) palavras que lhe chamaram a atenção no texto lido e ao lado de cada uma delas descreva uma situação.

Filhos - eram muitos filhos
 Noiva - noiva fez o vestido c/ o tecido da cortina
 Dava - filha c/ cabelos longos - namorada
 olhos azuis - olho que não via o mundo
 mãe - mãe cantava na cama entre lençóis brancos

E.M.C. (Q. 06/08/12)

1. Escreva cinco (05) palavras que lhe chamaram a atenção no texto lido e ao lado de cada uma delas descreva uma situação.

7 irmãs - 1 p/ cada dia da semana
 Dava - bonita e muito namorada
 a comparação c/ do filho c/ avô
 o filho c/ os dois olhos encheram
 menor que o avô c/ 1 olho só
 o filho que foi p/ Rio de Janeiro

I.D. (Q. 06/08/12)

- 01 Santa que foi morar na casa - a que viveu inferno -
- 02 Quando ele ia ~~o~~ casar é Atirava com um olho do = e tombava a de ~~o~~ almoxar todos juntos
- 03 e comer com a Boca fechada respeitando a Lei da Igreja
- 04 Divo que nomeava todos da cidade -
tem muitas historias Assim que viveu o passado
- 05 e boô quando estiver bem velho lembrar do Kiseu
Amor - todas
- relógio a muito importante pegue em AMO
Barra Velha, de julho de 2012
- relogio o tik TAK dele e os segundos -

R.D.V.S. (Q. 06/08/12)

1. Escreva cinco (05) palavras que lhe chamaram a atenção no texto lido e ao lado de cada uma delas descreva uma situação.

Mocia vista - vigiava os 7 filhos

Filhos - para cada cor do arco
iris

Qua direita - onde cada moça direita
andava cada cidade tem sua
direita

Bano - que era feito o vestido

Fic-Tac - do relógio para marcar o tempo

R.S. (Q. 06/08/12)

1. Escreva cinco (05) palavras que lhe chamaram a atenção no texto lido e ao lado de cada uma delas descreva uma situação.

espelho - o avô não gostava de espelho

filhos - eram felizes, corriam nos campos
caçavam passarinhos.

casado - mãe fez o vestido da
cortina da sala.

facção - lembra os olhos azuis que
nem do pai mas não era olho velho

relogio - o avô era moroso as horas relogio
para tudo. as horas eram muito importantes

V. (Q. 06/08/12)

1. Escreva cinco (05) palavras que lhe chamaram a atenção no texto lido e ao lado de cada uma delas descreva uma situação.

avô - que viajava muito

olho de leidro

porque seria que comparou o olho de leidro

porque que colocou um apelido pra cada um
de bicho

V.M.T. (Q. 06/08/12)

1. Escreva cinco (05) palavras que lhe chamaram a atenção no texto lido e ao lado de cada uma delas descreva uma situação.

arco íris - cores que se forma no céu fazendo
maravilhas.
Diva - que tinha cabelos longos, e fazia caridade
correio - que leva cartas e notícias
filhos - que são como cor - e notas musicais
comento - colegas de freiras que Dina ia
estudar.

Z.L. (Q. 06/08/12)

1. Escreva cinco (05) palavras que lhe chamaram a atenção no texto lido e ao lado de cada uma delas descreva uma situação.

Diva cabelos compridos e escuro
Vestido meiva do cortina tecido leve
Tereza se enamora de um caçador
com apenas uma vista, meu avô vigiava
seu sete filhos

QUESTIONÁRIOS REFERENTES AO DIA: 15 de outubro de 2012

A. (Q. 15/10/12)

1. Escreva cinco (05) palavras que lhe chamaram a atenção no texto lido e ao lado de cada uma delas descreva uma situação.

meu avô dese que sonhou com
uma árvore de frutas mas não era
ele ~~se~~ via os borboletos

ele andava de caminhão mas ele gostava
de ver as paisagem

D. (Q. 15/10/12)

1. Escreva cinco (05) palavras que lhe chamaram a atenção no texto lido e ao lado de cada uma delas descreva uma situação.

camioneiros - viagens pelas estradas praieiras
rochas = rochas com bichos, curvas e impressionante
, rochas com coisas que muitas vezes nem faz
parte no nó.

Bom Sussiego: achei interessante o nome desta cidade
que tinha pegueira de anoteira e amarela.

D.M. (Q. 15/10/12)

1. Escreva cinco (05) palavras que lhe chamaram a atenção no texto lido e ao lado de cada uma delas descreva uma situação.

1. Rio = dividindo a cidade ao meio
2. Destino = a avó adivinhando e prevendo o destino
3. Sonho = cada sonho tem o seu sonho
4. Avô = olhos exatos como dos camioneiros
5. Pai = dando a direção para o filho dirigir o
caminhão de 10 rodas

D.B. (Q. 15/10/12)

1. Escreva cinco (05) palavras que lhe chamaram a atenção no texto lido e ao lado de cada uma delas descreva uma situação.

- A sonho - algo que parece mas não é
 B árvore - frutos que parecem laranjas ou maçãs
 C borboleta - os frutos se transformaram e
 borboletas coloridas
 D acunhado - ele dirigia sentado no colo do
 pai
 E paisagem - não podia (não queria) dirigir
 porque gostava de olhar as paisagens

G. (Q. 15/10/12)

1. Escreva cinco (05) palavras que lhe chamaram a atenção no texto lido e ao lado de cada uma delas descreva uma situação.

- A Bom destino cidadezinha com um riso e atores
 sa-la. B tinha uma preguiça de adormecer
 e na madrugada difícil acordar.
 C Quantas lembranças tão lindas e quanta poesia
 Obrigado

I.D. (Q. 15/10/12)

1. Escreva cinco (05) palavras que lhe chamaram a atenção no texto lido e ao lado de cada uma delas descreva uma situação.

6 A noite demorar para amanhecer - acontece muito com a gente em certas ocasiões

o olho do avô no retratar - importante porque ele presta atenção muito nos dois olhos e não vê a si mesmo

A cidade pequena - o Silecio chamava a atenção

5 a noiva e greguesco - a seria muito importante

L.S. (Q. 15/10/12)

A Bom Destino - Era o nome da cidade em que meu avô morava.

1 Caninhão - Meu avô me colocava no colo dele com um travessão nos olhos, para poder dirigir o caninhão

1 Espelho - Eu ficava olhando pelo espelho para ver a paisagem que passava, e ia ficando para trás.

1 Barcos - Não alcançava os pedais do caninhão.

M.A.P. (Q. 15/10/12)

NOME: _____

1. Escreva cinco (05) palavras que lhe chamaram a atenção no texto lido e ao lado de cada uma delas descreva uma situação.

Bon destino

Os camioneiros são pessoas trabalhadores
 responsáveis que acredito muito seu
 trabalho pelo menos o que estão a meu redor
 são muita responsável

M.S. (Q. 15/10/12)

1. Escreva cinco (05) palavras que lhe chamaram a atenção no texto lido e ao lado de cada uma delas descreva uma situação.

Frutas - Sonhava que eram frutas de país
 Borboletas -

- Pai tinha

caminhão ia para outro lugar comprar
 Pão feito na cidade vizinha

O.R.C.O. (Q. 15/10/12)

1. Escreva cinco (05) palavras que lhe chamaram a atenção no texto lido e ao lado de cada uma delas descreva uma situação.

Sonho - Sonhar é maravilhoso e independente do
 sono.

Oleio morto - nos sente cisco mas continua
 me olhando.

O rio - que segue para o mar.

Bom sossego - cidade maravilhosa que
 abriga um vó e um neto querido.

Caminhoneiro - Era uma professora maravi-
 llosa.

R.D.V.S. (Q. 15/10/12)

1. Escreva cinco (05) palavras que lhe chamaram a atenção no texto lido e ao lado de cada uma delas descreva uma situação.

1. acordar - com o cantar do galo
cidade pequena

2. sonho - para sonhar ã precisa de olhos

3. chofer - trocar de destino sempre

4. sonho - parece mas ã é - brayer maci

5. Bengala - que olhava o mundo por cima

V.M.T. (Q. 15/10/12)

1. Escreva cinco (05) palavras que lhe chamaram a atenção no texto lido e ao lado de cada uma delas descreva uma situação.

1. caminhar - que leva as mercadorias para todas as cidade

2. cidade - Bom destino que morra a tia que lê as cartas da sorte

3. novem - que nos avisa que vai chover

4. borboletas que enfeitam os jardins da cidade
Bom destino

5. Sonhar - Sonhar faz muito bem, até dizem que devemos sonhar para realizar os nossos sonhos

QUESTIONÁRIOS REFERENTES AO DIA: 29 de outubro de 2012

A. (Q. 29/10/12)

1. Escreva cinco (05) palavras que lhe chamaram a atenção no texto lido e ao lado de cada uma delas descreva uma situação.

1. ^{pregueta} em uma cidade todos se conhecem
 2. avó tinha dois amores um ele
 envergava ao Larita e outro não
 olho não envergava nada

3. ⁵⁺² salvou um olho de vidro
 com pilha

T
 Tis

C.M.S.L. (Q. 29/10/12)

1. Escreva cinco (05) palavras que lhe chamaram a atenção no texto lido e ao lado de cada uma delas descreva uma situação.

1. sovrano: - porta aberta para receber as emoções que trazem.

2. Nª Senhora: - porto seguro daqueles que creem.

3. medo: - sentimento que tolhe movimentos, palavras, ações e compromentimentos.

4. ausência: - algo dado e triste, qdo se perde quem se ama.

5. esperança: - luz que nos ilumina com a presença da fé.

D.B. (Q. 29/10/12)

1. Escreva cinco (05) palavras que lhe chamaram a atenção no texto lido e ao lado de cada uma delas descreva uma situação.

Lavinia - lavava e passava
 casa silenciosa - casa sem palavras - vazia
 palavras - não brotam em árvores - nascem no coração
 um olho só - meu avô era só meio
 restos de linho - tudo o que sobrou do meu avô
 e olho de vidro

G.N. (Q. 29/10/12)

1. Escreva cinco (05) palavras que lhe chamaram a atenção no texto lido e ao lado de cada uma delas descreva uma situação.

olhos olha esquerda - amarela lavínia
 ternos brancos enfiados, paredes e feno de brases
 olhos direitos de vidro
 casa sem palavras - casa vazia, mas sempre
 fica a lembrança. Hoje nos faz lembrar o passado.
 saudade - meu avô ou melhor o avô do autor, se
 foi, só lembranças ficaram

L.S. (Q. 29/10/12)

1. Escreva cinco (05) palavras que lhe chamaram a atenção no texto lido e ao lado de cada uma delas descreva uma situação.

Levinia era o nome da mulher do meu avô, mulher simples bonita leve como uma nuvem, era uma pessoa de poucas palavras, ela sentava na ponta da cama e ficava bordando, esperando pelo meu avô, que chegava com sua bengala, ela colocava a comida quentinha na mesa para ele comer. Até que um dia ele não voltou mais, ela ficou na porta esperando, até que veio a notícia que ele não vinha mais. Assim só voltou o olho do vulto do meu avô. Fim!

M.A.P. (Q. 29/10/12)

1. Escreva cinco (05) palavras que lhe chamaram a atenção no texto lido e ao lado de cada uma delas descreva uma situação.

A Verdade faltava amor ela era uma pessoa triste ela se cantia só
 Ele ~~era~~ não tinha amor pra nada a ninguém

O.R.C.O. (Q. 29/10/12)

uma delas descreva uma situação.

1. Viúva - de marido vivo
2. São Paulo - Quem sabe em São Paulo, já falou quem olho que vê.
3. Carinho - Calor e carinho só sentia da minha, que corria entre as pernas
4. Dúvida - e como ela doia.
5. Lavinha - mulher que sofreu para cuidar do esposo e continuou sofrendo quando ele desapareceu e com certeza de pois, quando descobriu que ele morreu
6. Olho de vidro - foi o que restou no pires no escritório.

Berra Velha de julho de 2012

R.D.V.S. (Q. 29/10/12)

1. Escreva cinco (05) palavras que lhe chamaram a atenção no texto lido e ao lado de cada uma delas descreva uma situação.

Olho-de-squedo - amava a voz

chuva - trocar a bengala pelo guarda chuva

Voz do Brasil - era alta e longa

Cosa sem palavras - cosa vozic

restos de tecidos - rosgados d'olho de vidro

olho de vidro - restou no pires

V.M.T. (Q. 29/10/12)

1. Escreva cinco (05) palavras que lhe chamaram a atenção no texto lido e ao lado de cada uma delas descreva uma situação.

- 4 marido - é o esposo da minha avó Lavinha
- 5 Estala - onde tudo se aprende tudo que se leva na vida.
- 6 coraçãõ - órgão que faz parte do nosso corpo ao mesmo tempo que bate para nos fazer feliz
- 7 Alfazema - flor que enfeitam os nossos jardins e perfumam.
- 8 curuja - ave linda e conhecida como a mais sãbia.
- 9 infinito - tudo que se guarda no íntimo e lá no nosso infinito

QUESTIONÁRIOS REFERENTES AO DIA: 19 de novembro de 2012

A. (Q. 19/11/12)

1. Escreva cinco (05) palavras que lhe chamaram a atenção no texto lido e ao lado de cada uma delas descreva uma situação.

Um soldado Marchava e outra assistia da janela de colusa erguida pois ele estava com o peito cheio de medalhas

B.A.R. (Q. 19/11/12)

1. Escreva cinco (05) palavras que lhe chamaram a atenção no texto lido e ao lado de cada uma delas descreva uma situação.

- 5 memória - é preciso exercitá-la dia a dia, lembrando as situações ou lendo, visualizando etc
- 5 Pátria - nosso lar, lugar onde nascemos e no seu dia ficamos felizes homenageando-a
- 5 Cerveja Preta - fortificante que mães de resguardo tomavam para fortalecer e aumentar o leite do peito.
- 5 200kg branca - trata-se de pessoa obesa e o qto temos que cuidar principalmente na nossa idade.
- 5 nascimento; dia festivo na família

D.B. (Q. 19/11/12)

1. Escreva cinco (05) palavras que lhe chamaram a atenção no texto lido e ao lado de cada uma delas descreva uma situação.

- A lua - parece mãe - também fica grávida
 A fôlego - tudo na vida precisa de fôlego p/sobreviver
 A memória - não tem filtro - guarda tudo
 A urru - meu pai gostava de circo c/ elefante
 A cerveja preta - bebia p/ aumentar o leite

I.D. (Q. 19/11/12)

1. Escreva cinco (05) palavras que lhe chamaram a atenção no texto lido e ao lado de cada uma delas descreva uma situação.

- 01 A cerveja preta para aumentar o leite
 02 José demorava quilômetros para subir a ^{Escada}
 03 A ~~mar~~ e ganhar fôlego muito importante
 04 quando eu choro - preciso de ~~um~~ pedacinho de
 A silêncio
 + meu pai tirava a mordida do carro para dar
 fôlego ao comilhões

L.M. (Q. 19/11/12)

1. Escreva cinco (05) palavras que lhe chamaram a atenção no texto lido e ao lado de cada uma delas descreva uma situação.

- 4 Corvo - preto para manmentar.
- 51 o nascimento a data dos pais - pelo nascimento do filho.

R.D.V.S. (Q. 19/11/12)

- 4 Sua - tempo bom de mais e os vezes fico grávida
- 4 Nasceu - ganhar folego
- 4 Aborre - perder folego
- 4 Memória - não tem filhos ela lembra de tudo, não esquece nada, é biblioteca sem livros
- 4 Silêncio - não tem sombras para ver as coisas.

V.M.T. (19/11/12)

1. Escreva cinco (05) palavras que lhe chamaram a atenção no texto lido e ao lado de cada uma delas descreva uma situação.

- 5 Agosto - O mês que nos parece muito longe quando começa o ano novo mas é o mês que nos ^{marca} _{mini}
- 5 Futuro - a esperança que a gente traz no coração que tudo melhora no futuro.
- 5 Vida - a única que temos e devemos cuidar dela muito bem de todas as formas.
- 5 nascer - Devemos nascer todos os dias de novo para sermos melhores
- 5 rádio - que nos traz informações, de tristeza, alegrias e informações para nosso vestimento

QUESTIONÁRIOS REFERENTES AO DIA: 26 de novembro de 2012

A. (Q. 26/11/12)

1. Escreva cinco (05) palavras que lhe chamaram a atenção no texto lido e ao lado de cada uma delas descreva uma situação.

Padre dorminhoca dormiu no confessionário ronco e sonho com cachorra e deu um grito

Um menino subia na árvore e fazia rido para a árvore pensava que fosse quente,

B.A.R. (Q. 26/11/12)

1. Escreva cinco (05) palavras que lhe chamaram a atenção no texto lido e ao lado de cada uma delas descreva uma situação.

Primavera - Estação florida, alegre, depois de um tenebroso inverno.

Confessionário - Nunca gostei de confessionário, acho que o padre também fica cochilando e não está nem a chuva. Gostoso é ouvir a chuva no telhado a gente de baixo de um gostoso cobertor.

batizado Feste linda, onde somos inseridos na igreja como filho de Deus.

Arroz doce - combinação q do doce e o salgado. Impossível não saborear. Mãe têm fazia

C.M.S.L. (Q. 26/11/12)

1. Escreva cinco (05) palavras que lhe chamaram a atenção no texto lido e ao lado de cada uma delas descreva uma situação.

- 5 Primavera - estações que lembra coisas boas e alegrias, embora o coração esteja triste.
- 5 Batizado :- festa de alegria, da qual pouco participamos, mas cujo efeito dura a vida toda.
- 5 Saudade do arroz doce de minha mãe (doce, grossinho, bem molinho).
- 5 aginhara : algo que herdei da minha mãe e conservei até hoje (adoro ver todos a mesa, comendo com alegria o que faço).
- Tranquilidades de infância : tudo o que fazíamos (subir em árvores, brincar na chuva, pular corda, me traz muita saudade.

D.B. (Q. 26/11/12)

1. Escreva cinco (05) palavras que lhe chamaram a atenção no texto lido e ao lado de cada uma delas descreva uma situação.

- A Sonhos - pora muitos enlouquecer e sonhar era defeito
- A Inverno - nasci no inverno, sentia muito frio
- A Padre - dormia no confessionário
- A divoro - alivia sem ser gozete
- A Requise - não é pecado, é capital
- A Cosar - cosar o Geremias e uma gelinha que botava ovos de páscoa

G.N. (Q. 26/11/12)

1. Escreva cinco (05) palavras que lhe chamaram a atenção no texto lido e ao lado de cada uma delas descreva uma situação.

A primavera, mas na primavera
 frio próximo primavera
 L river e cozinhar, e missões temperar, ager, prover, salgar etc
 L o dentro só se chega imaginando

I.D. (Q. 26/11/12)

1. Escreva cinco (05) palavras que lhe chamaram a atenção no texto lido e ao lado de cada uma delas descreva uma situação.

x o dia do meu Batizado senti me presenti
 A e muito importante
 x Diferença em amore e fazer bucaadeiras
 5 no pé de pinheiros - já me sinto criança outra vez
 x o padre no conficario - que nem estava ai com
 A as pessoas do padre cristão
 x osarogob com agalindo e pãez doce
 99- ~~fo~~ fo cento foi muito engracado

L.S. (Q. 26/11/12)

1. Escreva cinco (05) palavras que lhe chamaram a atenção no texto lido e ao lado de cada uma delas descreva uma situação.

- 5 Primavera - significa - flôr calor alegria
 5 Inverno - frio chuva vento
 5 Outono - vento folhas e flores secas.
 tempo mundo e escuro.
 a porta, tinha uma fecha de cristal.
 a não tinha mais nada.

R.D.V.S. (Q. 26/11/12)

1. Escreva cinco (05) palavras que lhe chamaram a atenção no texto lido e ao lado de cada uma delas descreva uma situação.

- + Batizado - quase certeza de estar presente na
 festa - drink - 1.ª festa
 A Ino - troç melancolic, dormi muitas vezes
 entolado em cobertos no meio dos país.
 + Primavera - tinha prime charrada Vera
 confitades de flores.
 + Padre - tem missa e salvacão
 + Arvore - abigo sem ter ninho e bon su
 arvore - brincar de fazer sivi
 + Saudade - devora 2 tipos de arroj doce - se
 ter maior 2 tipos.

V.M.T. (Q. 26/11/12)

1. Escreva cinco (05) palavras que lhe chamaram a atenção no texto lido e ao lado de cada uma delas descreva uma situação.

5 Sonhos - A melhor sensação que o ser humano pode sentir quando realiza seus sonhos.

5 maês - Sublime ternura o mais nobre dos seres

5 Trem - Me lembro a primeira vez quando andei de trem, super legal

5 Primavera - A estação mais linda do ano que traz a flores e cores e perfumes

5 Alma - Alma genia, alma grande cheia de graças
Alma pura iluminada.

QUESTIONÁRIOS REFERENTES AO DIA: 03 de dezembro de 2012

B.A.R. (Q. 03/12/12)

1. Escreva cinco (05) palavras que lhe chamaram a atenção no texto lido e ao lado de cada uma delas descreva uma situação.

bordado = passatempo para os idosos principalmente para mim. Não me faz ser inútil no dia a dia
asilo lugar de repouso, acolhego aos que nada têm ou que foram esquecidos
madrinha: Tenho boas recordações de minha madrinha na infância, carinho e presentes
fada Com sua varinha de condão faz milagres às vezes tenho vontade de ter uma para fugir ~~da~~ da realidade e viver de sonhos.
rabo de galo. Também qdo pequena eu e meus irmãos sequestrávamos o rabo dele e fazíamos piteca

C.M.S.L. (Q. 03/12/12)

1. Escreva cinco (05) palavras que lhe chamaram a atenção no texto lido e ao lado de cada uma delas descreva uma situação.

enxoval de batizado: - minha mãe (que saudade...), tricou o enxoval dos meus netos com mto carinho.
os bordados: todos aprendidos com amor e que levarei até o fim dos meus dias. esse aprendizado.
palavras: podem ter 2 gumes (auxiliar ou derubar uma pessoa)
mãe fada: - é o que era minha mãe, levitando eu volta da gente como borboleta.
hincadeiras de criança: - maluquices saudosas, mas pouco atrevidas como as de hoje.

D.B. (Q. 03/12/12)

1. Escreva cinco (05) palavras que lhe chamaram a atenção no texto lido e ao lado de cada uma delas descreva uma situação.

Leziúhos - os pés de menino são lindos

Miúdo - parecia um pardo molhado

Filho - é mais despesa na família

Minha mãe - tudo que ela tocava virava um encanto - parecia uma princesa

Branjeira - casca da branja. Tempero arroz doce
folhas - gostoso chá quente refrigerado
espinhos - fuser linguiça

I.D. (Q. 03/12/12)

1. Escreva cinco (05) palavras que lhe chamaram a atenção no texto lido e ao lado de cada uma delas descreva uma situação.

rapatinho de lã A sulzinha os pés lindinho
a, achei muito ingrato

o miúdo pareceu um pardo

nos ~~brancos~~ ~~brancos~~ do ~~porco~~

eu parecia um boneco de pano -

tenho mais medo das polícias do que

escarpias - porque às vezes as polícias

dai mais ~~mais~~ tudo crescia com

rosas todos tipos de flores - tudo parecia um

lindo jardim

L.S. (Q. 03/12/12)

1. Escreva cinco (05) palavras que lhe chamaram a atenção no texto lido e ao lado de cada uma delas descreva uma situação.

Sapatinho - de seda da minha mãe nº 33
 Boca fechada - Não entra mosca
 Tãmas - Fez 57 anos
 Mãe - Bordava ponto cruz ponto cheio
 Madrinhã - Minha segunda mãe.
 Balanços - Depende tem muito veneno.
 Filho - Mais despesa na despesa.
 Fada - Era a minha mãe.

R.D.V.S. (Q. 03/12/12)

1. Escreva cinco (05) palavras que lhe chamaram a atenção no texto lido e ao lado de cada uma delas descreva uma situação.

Inubequias - lembrava das dores dos
 pes. Pela dor.
 Boca - Mosca - Boca fechada. Não entra mosca
 Bordados - Mãe bordava ponto cruz
 ponto cheio, cruz.
 Madrinhã - 2ª mãe me carregava na mão
 Asilo - Todos bordavam meia boneca de meia que
 parecia inteira
 Filho + uma boca praticamente
 Cavalo - ajudava a contribuir - trazer
 comida o/casa

V.M.T. (Q. 03/12/12)

1. Escreva cinco (05) palavras que lhe chamaram a atenção no texto lido e ao lado de cada uma delas descreva uma situação.

Igreja - Todos os domingos vamos a igreja que tem a imagem de Cristo com a coroa de espinhos.

Leitura - Leitura que nós levamos para qualquer lugar nós informamos de notícias, alegres, e tristes, imaginárias bordados. Lembra a minha avó bordando meu enxoval e o enxoval de minha irmã.

coeiro - que envolve os bês que mais parece uma trosseinha.

Pardais - Todos os dias ouço os pardais cantando debaixo das telhas da minha casa que mais parece uma simfonia.

QUESTIONÁRIOS REFERENTES AO DIA: 10 de dezembro de 2012

A. (Q. 10/12/12)

1. Escreva cinco (05) palavras que lhe chamaram a atenção no texto lido e ao lado de cada uma delas descreva uma situação.

govem estava com dor de dente ele
tomou melhoal outros usavam
dente de alho para passa odor

batisado eu só prestava atenção
nos botões da roupa do padre

B.A.R. (Q. 10/12/12)

1. Escreva cinco (05) palavras que lhe chamaram a atenção no texto lido e ao lado de cada uma delas descreva uma situação.

músicas. Minha mãe adorava ouvir músicas
portuguesas, queria que eu fosse músico

Um pouco de cada um - ao nascer falavam que meus
olhos era do papai, o nariz do vovô as mãos de minha mãe...

Rio Jordão: No riacho perto de casa eu me
banhava com a caneca como João fez
com Jesus no Rio Jordão eu me realizava.

Nascer - significa que ninguém mais faz nada
por você. Eu tinha que mastigar, sugar me virar
porque minha mãe já não mais fazia

Paciência: Alta paciência minha tinha para atender
as minhas necessidades.

D.B. (Q. 10/12/12)

1. Escreva cinco (05) palavras que lhe chamaram a atenção no texto lido e ao lado de cada uma delas descreva uma situação.

nasceu - foi um castigo
 chorar - só isto lhe era permitido
 pedaços - era feito de pedaços de tios e parentes
 água - padre derramou uma coqueira na
 minha testa
 luto - toda mãe devia aprender castigos de
 vingar antes de casar

I.D. (Q. 10/12/12)

1. Escreva cinco (05) palavras que lhe chamaram a atenção no texto lido e ao lado de cada uma delas descreva uma situação.

01 charar ou não charar - isso sempre
 aconteceu comigo Ai ergulo o charo e sigo em
 frente
 02 parecido com a boca da mamãe ou da tia
 dizem que sou parecido com minha mãe -
 3 tudo vontade de recortar fotos de família - faço
 ainda hoje e ludo recortar e selubiar -
 4 si mulher com as águas do Rio - tras recordações
 de crianças
 5 o padre jogou uma coqueira de água na minha
 cabeça x a ludo me de muitos Bobrados ludo

O.R.C.O. (Q. 10/12/12)

1. Escreva cinco (05) palavras que lhe chamaram a atenção no texto lido e ao lado de cada uma delas descreva uma situação.

- ① nascer - foi um desrespeito com a minha paz -
- ② Natalino, nome do meu primo que eu acho muito engraçado
- ③ falava - tudo pela metade - mãe ~~em~~ vez de mamãe, pai ao invés de papai
- ④ lerdo - ele era lerdo como ~~meu~~ ^{seu} tio tio
- ⑤ Cesta básica - ele gostava de ganhar uma cesta básica de golusimas.
- ⑥ fogueira - água na cabeça e só ele sabia que que o batizavam ~~seus~~ vez -
- ⑦ melhoral colocava melhoral no buraco do dente

R.D.V.S. (Q. 10/12/12)

1. Escreva cinco (05) palavras que lhe chamaram a atenção no texto lido e ao lado de cada uma delas descreva uma situação.

Vida - aprendeu a gostar e apreciar a vida

Dores - ao nascer, gostava onde estava

Eseda - aprendi a cortar e recortar

Batismo - São João batizou Jesus e eu pegava água e me rebatizava.

Nascer - significa um tudo para viver e mamãe dormiu e comia por mim.

Dobrado - não era viver em dobro, mas ritmos de música

